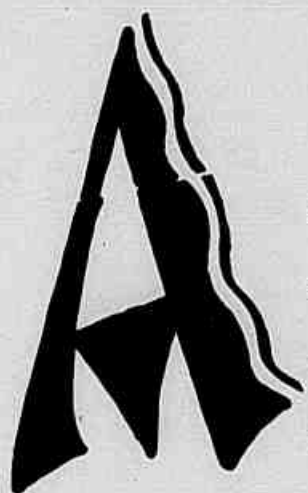
CINEARTE
Gloria Stuart
ANNO VII
N. 353
RIO DE JANEIRO, 30 DE NOVEMBRO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

Arline Judge

A NOSSA reclamação ou, melhor dizendo, lembrança sobre a falta de execução do disposito do Decreto que federalizou a censura de "Films", dispositivo que marcava para seis mezes decorridos a reunião do Convenio Cinematographico, já encontrou éco na imprensa diaria. E' preciso agora que os interessados se movam e representem ao chefe de Estado a necessidade de ser cumprido esse dispositivo, porque se não se moverem, as vozes da imprensa extinguir-se-ão sem éco.

A mentalidade burocratica que recomeçou, faz pouco, a imperar no Ministerio da Educação é avessa a qualquer iniciativa, tudo subordinando, ao regimen do papelorio e das futriquinhas administrativas.

Gentes que parece haverem sido concebidas por Aviso e nascido por portaria só conhecem um expediente para essas cousas: o de fazer perambular papeis pelas mesas de empregados sem funcção ou cuja funcção unica consiste em parecer aos outros trabalhar, empregados que enchem os documentos que lhes cahem nas unhas ociosas, de baboseiras regulamentares, citando paragraphos e mais paragraphos, complicando as cousas mais simples, até chegar ao *starosta* n.º 1 que displicentemente, sem ao menos examinar o assumpto, lança o seu *de accordo*, isso depois de dias, semanas e mezes de peregrinação.

Assim é mister que os interessados se unam para dirigirem-se directamente ao Ministro, passando por cima dessas barreiras burocraticas esterilizantes de qualquer iniciativa, porque se o não fizerem podem ficar certos de que emquanto não se fizer uma regulamentação em 1.024 artigos, uma exposição de motivos em 240 paginas e não se publicar tudo isso no *Diario Official* por tres dias consecutivos, nada conseguirão obter.

Ahi ficam o aviso e o conselho. Agora, mexam-se, que já não é sem tempo.

Com a chegada do custoso apparelhamento ora adquirido por Adhemar Gonzaga nos mercados norte-americanos, ficará apto o Studio de Cinédia á confecção dos Films sonoros.

Só mesmo o enthusiasmo e a confiança de um grande e devotado amigo do Cinema poidam, nos tempos que correm e com a crise que assola o universo, o nosso cambio tão aviltado que pode se affirmar a nossa moeda só tem curso nas tabellas officiaes, abalançar-se a despesas de tão grande vulto para dotar o nosso paiz de elementos tão poderosos de propaganda como os que está recebendo Cinédia.

Para muita gente representará essa despesa desmarcada imprudencia senão absoluta falta de sizo.

Para outros, entretanto, ha de avultar como viva manifestação de sadio patriotismo e de confiança no desenvolvimento progressivo de nossa terra.

O Film brasileiro para se converter em brilhante realidade carece de sacrificios como esse e Adhemar Gonzaga, que hoje muita gente cnsidera um simples sonhador, sem sombra de espirito pratico, a tirar pelas janellas, inutilmente, as avultadas sommas invertidas no Studio de Cinédia, mais cedo do que essa mesma gente poderia suppor ha de ver triumphante a sua iniciativa, conquistando muito justamente os foros de benemerito que ninguem lhe poderá negar.

E com esse tirumpho o lucro maior será o do paiz, podendo dispor do formidavel elemento de propaganda que é o Film.

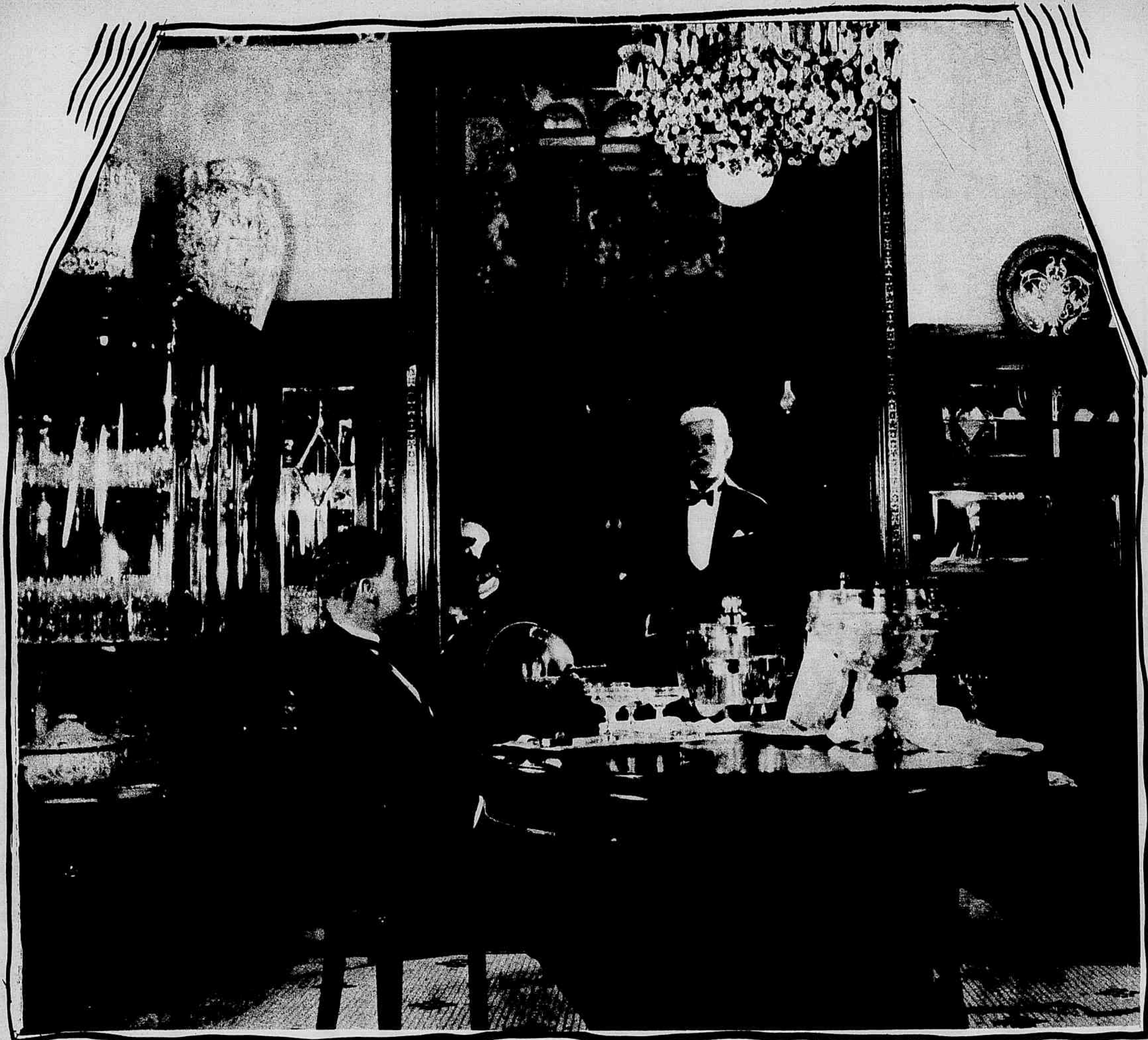
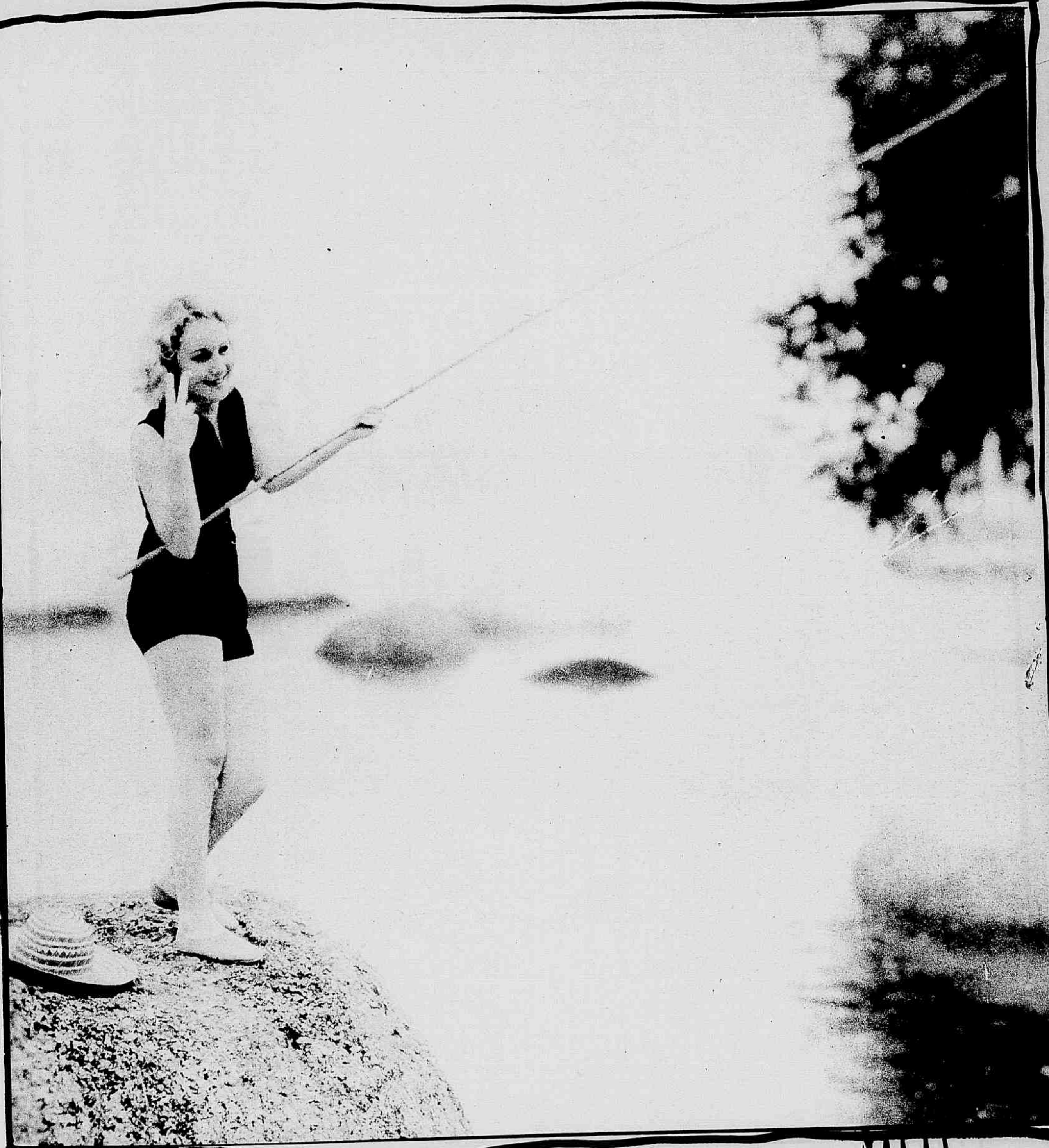
Applaudir e animar as empresas nacionaes de producção, pondo de parte esse morbido pessimismo dos incapazes que por isso mesmo consideram tambem incapazes todos os mais, é uma obrigação, um dever de patriotismo.

O Film brasileiro não poderia nascer como Minerva nasceu, armada de ponto em branco; teve o seu inicio accidentado mas as suas realizações até aqui provam as grandes possibilidades de meio e as aptidões já comprovadas de algumas figuras que serão grandes em futuro não longinquo.

O apparelhamento de Cinédia para a realização do Film sonoro é um grande passo, um passo agigantado para a frente.

Não podemos, nesta revista, consagrada aos interesses do Cinema deixar de commentar esse auspicioso facto com mais viva sympathia.

GWILI ANDRE, OUTRA EXOTIÇA E DIFFERENTE QUE A RADIO ACABA DE APRESENTAR.

ALFREDO NUNES E IVAN VILLAR, O HOMEM MAIS FEIO DO BRASIL. OS "MONSTROS" SÃO "CHUCA-CHUCA"...

SCENAS DE "GANGA BRUTA" DA CINÉDIA, VENDO-SE DURVAL BELLINE, NUMA DAS LUTAS DO FILM. BELLINE E' TAMBEM ATHLETA DO FLAMENGO.

CINEMA

Déa
Selva

BRASILEIRO

DURANTE A FILMAGEM DE "ONDE A TERRA ACABA", CUJOS TRABALHOS DE MACHINA TERMINARAM A SEMANA PASSADA.

O QUE EU

WALTER RAMSEY, jornalista Cinematographico dos mais habeis, entrevistou Ann Lehr, mãe de Ann Dvorak e, della, conseguiu o que abaixo vae transcripto. Ann Lehr, se ainda se lembram os bons "fans", tambem foi artista de Cinema. Foi heroina de William Farnum, mais de uma vez e tinha muito do modo que hoje tem sua adoravel filha. E a amisade que as tornam quasi que uma só pessoa bem que autoriza escrever ella da filha estas linhas abaixo.

—oOo—

Permittam-me que me apresente. Sou a amiga mais intima de Ann Dvorak. Que sou tambem sua mãe não importa, para a declaração que acabo de fazer. "Ann Dvorak" e "Ann Lehr" têm sido companheiras, amigas, e, até ao anno que passou, inseparaveis. E isto ha dezenove annos, tempo que ella me leva acompanhando, pela vida. Naquelle tempo em que ella começou a me enriquecer a existencia, tinha eu dezeseis annos. A primeira vez que puz meus olhos sobre o rostinho avermelhado e sobre os olhos azues de minha filhinha mentalmente eu lhe fiz um brinde, ou, mesmo, talvez uma oração: — "Que sua vida seja intensa de aventuras, alegre e corajosa. Que você conheça as alegrias e as amarguras com um conhecimento tal de ambas que nem se abale com as emoções das mesmas. Conheça você a tolice das convenções sociaes, mas sempre saiba intelligentemente levar tudo de vencida. "Achei, então e continúo achando que foi o brinde melhor que uma amiga poderia fazer a outra, que uma menina poderia fazer a outra...

Ann quando tinha 9 annos...

Hoje, acabando de ler a secção de Cinema de um jornal da cidade, que, em manchete traz este titulo: — "Ann Dvorak, conhecida "estrella" de Films". E em baixo a noticia de que ella abandonou seu contracto, afastando-se, sem licença, de dois dos mais importantes Films de sua carreira, que assim foram dados a outra, senti um choque, uma dor, que não é magua de coração de quem se desaponta com o procedimento de um filho e, sim, o desapontamento de uma amiga que sente a companheira faltando na hora decisiva. Principalmente faltando a nós e não a mim sómente! Não me refiro ao final financeiro ou profissional da questão. Tanto quanto seja possivel pensar em sua carreira, Ann com certeza não a prejudicou com a sua "sahida". E' possivel que ella volte para ser "estrella" de um contracto muito mais lucrativo. Apesar disso eu sinto, interiormente e ninguem me poderá tirar tal sentimento, que ella, a pequena cuja espiritualidade eu sempre amei, cujo codigo pessoal sempre teve meu endosso, fez qualquer cousa desagradavel e sem ethica. Uma authentica artista jamais abandona seus compromissos assignados. Ann sabe disto. Ella foi criada dentro de uma caixa de theatro, póde-se dizer, pois sempre me acompanhou por toda minha carreira.

Ann Dvorak no primeiro Film em que appareceu — "The Five Dollar Plate". Elle é Herbert Rawlinson, figura conhecida dos velhos Films da Universal.

Se estas palavras minhas, partindo de uma mãe, pareçam estranhas, lembrem-se disso: — quero ser amiga antes de ser mãe. Se eu tivesse a sorte de ter tido, na vida, uma amisade tão perfeita e intensa como a que devoto a Ann, por outra pessoa, certamente eu sentiria por essa a mesma cousa que estou sentindo agora por minha filha. Se, daqui, para diante, lerem alguma cousa que lhes pareça brutal, mesmo, na sua franqueza, não levem a mal. Conheço Ann como poucos paes podem gabar-se de conhecerem seus filhos. Conheço suas falhas tanto quanto seu esplendido caracter. Póde crer que esta é a primeira vez que Ann me desillude. E' a primeira vez que minha filha foge a compromissos legaes. Acho que ella errou. Espero, no emtanto, que ainda venha a saber claramente o "porque" do seu procedimento e espero, porque jamais deixei de conhecer a razão de todos os erros por ella até hoje commettidos. Encontro-me principalmente diante da idéa de que Ann foi colhida por uma inesperada revolta de seu intimo. Ella deve ter alguma cousa agindo interiormente que eu ainda não conheço. Ella está apai-

xonada pela primeira vez na vida e seriamente apaixonada e não ha ninguem no mundo que não saiba as tolices que qualquer moça faz quando ama pela primeira vez, não é?

Não quero me collocar diante desta historia como "estrella" da mesma. Mas é preciso que conte qualquer cousa a meu respeito para que depois comprehendam melhor minha filha.

SEI DE ANN DVORAK

Nasci em New York, filha unica de uma familia de seis que seriam dados á luz neste paiz. Meus paes são tcheco-slovakos. Fomos quasi que sempre bastante pobres. Li, não sei onde e aprendi, não sei com quem, que a pobreza tem suas vantagens. Acho que isto, no emtanto, foi descoberto por alguem que nunca foi pobre, em toda vida... Nas minhas experiencias proprias eu jamais encontrei vantagens. Apesar disso não eramos uma familia infeliz.

Nunca cousa alguma me aconteceu, na vida (a falta de acontecimentos é uma das cousas tragicas da pobreza...) até que me encontrei com Edwin Mc Kim, que é o pae de Ann Dvorak. O verdadeiro nome de Ann é Ann Mc Kim. Dvorak (pronuncie-se Vorzhhahk e não Devorak) é meu nome de familia. Quando eu me encontrei com Edwin Mc Kim eu frequentava uma escola publica gratuita de New York. Aos sabbados á tarde, iamos á um theatro do Harlen de New York. Os espectaculos destinavam-se a melhorarem a cultura dos frequentadores. Não sei que quantidade de cultura eu delles hauri, o que sei, apenas, é que elles me deram a certeza de que eu queria ser artista. Quiz, então, aprender tudo quanto era possivel aprender para poder ser artista. Decidi, depois, fazer dessa arte o meu meio de vida. Eu tinha quinze annos quando me encontrei com Edwin Mc Kim e era elle o productor dessas peças que eu ia assistir no Harlen. Elle parecia ser o homem mais digno e admiravel que eu já tinha encontrado, na vida. Tornava-o superlativo a idéa de que elle tambem era um artista. Nunca consegui saber porque é que elle se apaixonára por uma pequena desinteressante de quinze annos e pobre, além disso amando-me tanto quanto me amou. Mas o certo é que mocidade já é um thesouro diante do altar do amor e isto é inegavel. Casamo-nos e por alguns mezes eu tive o previlegio de ser a heroina de meu proprio marido numa peça que se chamava "O homem da Hora". Tudo era admiravel!

Um anno mais tarde interrompeu-se minha carreira, temporariamente, com a chegada de Ann, na manhã de 2 de Agosto de 1912, no Sanatorio de Murray Hills. Até ao momento de Ann nascer eu pouco me preoccupára com a idéa da maternidade e sua finalidade. No instante em que a collocaram a meu lado, sobre meu braço, linda e cheiravndo a talco, comprehendi que nada poderia ser mais emocionante do que isso para mim.

(Photos Irving Lippman)

Quando ella chegou ás quatro primeiras semanas de vida deixei o hospital, uma menina de dezeseis annos mais ou menos franzina, carregando uma menina ainda menor nos braços e certa de que já era alguem, na vida... O que mais me fascinava, naquelles tempos, confesso, era a idéa de que poderia brincar com ella, uma boneca de carne e osso, como nunca eu tivera igual. A enfermeira que me servira, rindo, disse-me e ainda hoje lembro-me: — "E' pena ver-se uma creança ás voltas com outra, sem quasi auxilio algum. Mas quando a menor gritar, não a estrague com excessos de mimo. Deixe-a gritar!"...

A primeira noite, em casa, meu marido e eu em torno de nosso brinquedo, começou divertida e terminou mal. Petrificamo-nos quando ella começou a chorar, perdidamente, sem cessar. Estava mais do que alimentada! O que poderia ella querer? Porque chorava? Lembramo-nos de que a luz estava apagada e que ella começára a chorar justamente quando a apagamos. Tornei a accendel-a. Espantada ella parou de chorar e olhou-me. Eu lhe disse, rindo-me para ella ao vel-a assim engraçadinha e quiéta depois da luz accesa. "Senhorita, escute. Não é capaz de ter bom humor e achar graça?". Não sei porque foi, mas só sei que ella deu um largo riso para mim, mostrando as gengivinhas nuas e fazendo-nos rir muito.

Ann sempre foi uma criança esplendida para se lidar. Deu-me quasi nenhum trabalho. Aprendeu logo a andar e quando aprendeu a falar, falou logo di-

(Termina no fim do numero).

Warren William appareceu em dois Films, nesta semana. E' uma figura que está agradando bastante e vae vencer...

NEGOCIOS A' PARTE (The Beauty and the Boss) — Film da Warner Bros. — Producção de 1932. — (Programma First National).

Este Film estabelecerá definitivamente Warren William e Marian Marsh no conceito dos "fans". E' uma comedia theatral muito bem adaptada por Joseph Jackson e que tem, nos seus absurdos, o lado forte que a torna irresistivel como divertimento.

Não é nada para a gente fazer alarde. E' uma comedia agradavel, bem feita, bem photographada e com uma direcção ligeira e photogenica de Roy Del Ruth. O elenco é todo elle excellente: — Warren William, soberbo; Marian Marsh, deliciosa; Charles Butterworth, bem engraçado; Mary Doran, um peccado saboroso; David Manners, Frederick Kerr, Robert Greig e Yola D'Avril, engraçadissimamente sempre dentro de um banheiro, na fórma do costume.

Tirado de uma peça theatral, o Film não podia ser mesmo melhor do que é, tanto mais que o processo de armação das situações é todo da carpintaria theatral. O "scenario" de Joseph Jackson é que procurou ser o mais Cinematographico possivel e realmente conseguiu o seu intento. A direcção de Roy Del Ruth torna-o ainda mais agradavel, porque é firme, rapida e intelligente. A primeira sequencia, entre Warren William e Mary Doran, já prende o publico ao Film. Maliciosa e bem feita. Ha momentos em que o valor da comedia cahe um pouco. Mas logo a seguir melhora e assim, com pequenos altos e baixos alcança seu fito: — divertir.

Torno a citar Warren William, porque elle é realmente uma figura agradavel. Um Menjou mais moço, mais impetuoso e até mais elegante. Marian Marsh é pena que tenha tido o seu mal entendido com a Warner, porque ella ia indo bem direitinho. Mas ao que parece a R.K.O., comprou o restante do seu contracto.

O Film está cheio de sequencias boas que citar não paga a pena porque sem duvida alguma é tirar o sabor áquelles que ainda não o viram. Basta que se diga que é um espectaculo cheio de malicia e cheio de mocidade. O sorriso maluco de Marian Marsh (aquellas covinhas...) e a audacia de Warren William. Tudo isso, bem photographado por Barney Mc Gill e dirigido com segurança por Roy Del Ruth. Assistam.

Cotação: — BOM.

Como complemento uma comedia-annuncio dirigida por Al Ray, cujo nome nem nos ficou na memoria, simplesmente terrivel, e bem peor que o tal Film annuncio tambem, que o Imperio apresentou uma semana antes, Film feito em New York por Henrique de Almeida e falado em brasileiro. Mal feito, dá a impressão que a nossa lingua não se presta para Cinema. O Film é feito em New York, com dynamos poderosos, apparelhos formidaveis, etc., mas terrivel, sem Cinema. Mas como complemento de "Negocios á parte" é justo salientar o desenho "Parada triumphal" que é talvez o melhor até agora. Vale a pena ir ao Cinema só para vel-o!

ALMAS DE ARRANHA-CÉOS (Skyscraper Souls) — Film da M.G.M. — Producção de 1932.

Um Film que realmente não podia ter sido feito por "astro" ou "estrella" quaesquer. E' collectivo. Não salienta mais este cu aquelle. A historia não gira em torno de uma figura. As figuras é que giram, varias, dentro da historia. O unico "astro" é o arranha-céo de David Dwight. Dentro de seu bojo de aço e cimento passam-se cousas que a vida diariamente está ensinando ao mundo: — a mulher casada que se encontra com o amante; o primeiro namoro de uma dactylographa chegada do interior; um elevador cheio de peripecias; uma modelo de casa de modas requestada por um negociante de joias. E mais uma série de accidentes de todos os dias que o Film focaliza, todos, dentro do "astro" arranha-céo. E, essas pequeninas historias contornando a maior, a aventura audaciosa e inescrupulosa do proprietario do gigante, um homem que conhece a vida e della sempre procura tirar o maior proveito. E um dia seu fim é vulgar como todo fim de noticia "sensacional" de jornal da tarde...

Salientam-se, no Film, Warren William em primeiro plano. Seu papel é bom e elle o desempenha magistralmente. Sua villania é agradavel, contaminante! Elle é estupendo durante o Film todo. Sua morte é muito bem "vivida". A seguir posso salientar Norman Foster. Não gosto deste cavalheiro. Mas neste Film, não sei porque, está elle engraçadissimo, feliz na sua interpretação, gozado! O seu papel de rapaz estouvado e sincero é magnifico e elle o interpreta de modo a gente não poder pensar nenhum outro para o mesmo. E elle é a meu ver o segundo elemento a destacar-se do elenco. Depois, Verree Teasdale e Maureen O'Sullivan em identicas condições. A primeira, nova — este é seu primeiro Film, pois ella vem do theatro — é uma figura genero Irene Rich, mais moça, extremamente sympathica e bonita. Seu papel é bom e ella o vive a contento. Maureen não tem nada que a saliente particularmente, mas tudo quanto faz é bom e está bem vivido. Ella tem "it" e seu rostinho tem qualquer cousa nova — inclusive aquella covinha extravagante! — que a fará ainda uma "estrella". Depois destes, em plano identico, Gregory Ratoff, num judeu gozadissimo, juntamente com Jess De-Vorska, aquelle seu empregado de boina; Anita Page e Jean Hersholt, que vivem sequencias interessantes, particularmente aquella em que Jean propõe casamento a Anita; Wallace Ford e Helen Coburn, igualmente, tambem tendo uma sequencia emocionante naquella em que o cofre fecha-se automaticamente e ella, sem coragem para se denunciar, foge covardemente deixando o amante encontrar na asphyxia a morte. Hedda Hopper, na fórma elegante e antipathica do costume; John Masrton, Purnell Pratt, George Barbier — gozadissimo, ainda — e Edward Brophy completam o coheso elenco.

Escreveu o scenario, C. Gardner Sullivan, figura que todo bom "fan" conhece, porque elle foi o homem que escreveu os melhores scenarios de Films até hoje feitos. Era o homem que Thomas Ince tinha sempre ao lado, estivesse em que companhia estivesse e, ainda hoje, é um nome que ao lado de Hans Kraly, Sonya Levien, Bess Meredyth, Frances Marion, Jo Swerling ou qualquer outro deste naipe, faz brilhante figura.

A TELA EM

Elle é admiravel e prova sufficiente disto temos nesta adaptação intelligente e feliz, da novella *Suksraper* de Faith Baldwyn. Esta novella eu a' li quando publicada pelo Cosmopolitan, em series, de Junho de 1931 para diante. Justamente por a ter lido é que analyso melhor ainda o trabalho do scenarista. E' estupendo. E notem, o Film não tem cortinas magicas, nem leques mysteriosos e nem nada disso. E' a fusão normal, os processos communs aos bons scenarios. Mas o andamento desse scenario é que agrada. Boas ligações, sequencias todas felizes e dosadas de tudo quanto faz uma sequencia ser boa. Todo o trabalho uma perfeição. O assumpto prestava-se, é certo, mas C. Gardner Sullivan melhorou-o ainda mais. Faith Baldwin já escreve cousas Cinematographicas. Nas mãos de um scenarista como Sullivan, então, esses themas seus ainda melhoram.

Edgar Selwyn dirigiu ás vezes theatralmente, como naquella scena em que Warren William explica ao outro o seu orgulho de ser o "dono exclusivo" daquelle arranhacéo. Mas geralmente bem.

Cotação: — BOM.

PAPAE AMADOR (Amateur Daddy) — Film da Fox — Producção de 1932.

PAPAE PERNILONGO fez successo? Warner Baxter agradou? Pois bem, vamos arranjar outro "papae" para o mesmo artista interpretar! E aqui o temos: — PAPAE AMADOR.

Não ha duvida que o Film tem os seus momentos. John Blystone, mais ou menos dentro do ambiente de CAÇULA HEROICO, onde tanto se salientou, produz u—

direcção harmoniosa, pontilhada ás vezes de sequencias bem felizes como aquellas que se succedem depois da chegada de Warner á casa dos Smiths, com aquella garotada faminta e digna de pena. E sustenta, ainda, bem interessantemente o elemento amoroso photogenico entre Warner Baxter e Marian Nixon. Mas a historia de Mildred Cram e o scenario de Doris Malloy e Frank Dolan não o auxiliaram mais. E' uma historia crivada de absurdos. E o scenario não explica certas cousas que ficam mais escuras do que o *fade out* final... Para aquelle que se sentar numa poltrona de Cinema com o fito de não analyzar, é um Film agradavel. Mas aquelle que pensar um pouquinho... Mal explicado o inicio todo. Mal explicado e mal feito. Warner é um homem occupadissimo. Vae satisfazer ao pedido do amigo morto num accidente e fica. Esquece-se de todas as suas occupações... Isto estaria direito se alguma cousa a explicasse, no Film. Mas tal não succede. Aquella surra que David Landau e seus companheiros applicam nelle é outro aleijão do scenario. Principalmente porque o *climax* que a mesma promette, ou seja, vingança e desforra delle, não vem, tornando a tal sequencia automaticamente um *anti-climax*. Lucille Powers ninguem sabe no Film se é orphã, com quem vive ou quem é. Poucas legendas e dialogos explicam sua situação. E tudo isso, no espirito de um *fan* observador, diminue o valor do Film...

REVISTA

Desculpando-se isto, no emtanto, tem-se um agradavel passatempo. Warner Baxter é sempre agradavel de se ver e bom artista. Marian Nixon, substituta effectiva para todos os assumptos que Janet Gaynor regeite (se regeitou este, o que não sei, fez muito bem...) é a heroina. Ella é muito engraçadinha e tambem boa artista. Aprecioa immenso. E ella está esplendida no papel de Sally Smith. E', mesmo, uma das razões pelas quaes a gente não póde condemnar o Film todo. Além disso, Frankie Darro, bem crescido, Joan Breslaw, muito engraçadinha e Gail Kornfeld, com suas dores de estomago, agradam. E' um Film ingenuo e simples que tem seus momentos bem dirigidos, bem photographados e interpretados. Desculpados os absurdos, serve. E principalmente se fôr complemento de um programma que tenha outro bom Film.

Rita La Roy "vampiresca" como sempre e feia por estar sem seus ambientes: David Landau é o villão. Bom como sempre. William Pawley apparece no final e felizmente morre logo. E' um camarada desagradavel esse nosso amigo Pawley. Lucille Powers lembra Carole Lombard quando ella começou a apparecer em Films, lembram-se? Clarence Wilson, Joe Hackey e Harry Dunkinson (lembram-se de Harry?...) figuram.

Warner Baxter e Marian Nixon fazem o Film ser digno de se ver. Mas lembram-se: — levem os olhos vendados aos absurdos.

Cotação: — BOM.

M

MONSTROS (Freaks) — Film da M.G.M. — Producção de 1932.

Se Hollywood não vivesse sob o controle da organização Hays, MONSTROS teria sido um Film bem melhor. Bem melhor, digo, para as platéas que o apreciassem, porque é um Film desagradavel e sordido para platéas que apreciem Constance Bennett ou Norma Shearer, por exemplo... Mas a organização Hays existe! Felizmente ou infelizmente não tenho sufficiente competencia para dizer. Por um lado ella e util. Por outro é exaggerada. Mas existe! E Tod Browning, dessa fórma, teve as asas cortadas...

MONSTROS foi feito para que a M.G.M., tambem tivesse o seu FRANKENSTEIN. Tod Browning, que tinha feito successo dirigindo DRACULA, contractado foi para fazer um Film da novella *Spurs*, de Tod Robbins. E a novella de Tod Robbins contava a historia do amor de um anão por uma "estrella" do trapezio, a canalhice desta pretendendo envenenal-o e a vingança dos monstruosos phenomenos do circo aos quaes ella offendera collectivamente. E a vingança é o *climax* do Film: — elles a reduzem tambem a um monstro, decepando-a, esphacelando-a, tornando-a assim tambem uma attracção monstruosa para o mesmo circo, a "mulher-pato"...

Tod Browning tem credenciaes para dirigir um assumpto assim. Elle é tenebroso quando o quer ser, como poucos. O assumpto é que se tornava ainda mais sordido do que o normal, principalmente por photographar e apresentar seres que são verdadeiras abjecções humanas. E por isso Tod Browning fracassou diante da porta da censura que o limitou a um campo pequeno demais para poder fazer um grande Film.

Para as platéas que apreciem Films assim, MONSTROS é bom. Mas é um perigo para pessoas impressionaveis e senhoras, porque os monstruosos seres que se apresentam causam realmente horror e são todos verdadeiros, pois o Film foi apanhal-os pelo mundo todo afim de fazer logo uma cousa authentica. Isto é, nem sempre causam horror e mais vezes, piedade...

Positivamente não é Film para namorados e nem pessoas finas que apreciam um COCKTAIL DE AMOR, por exemplo. E' Film para gente especial. E além disso a historia tem pontos pouco agradaveis, como o nascimento do filho da "mulher barbada" que é casada com o "homem esqueleto". Principalmente pelo que deixa no sub-consciente! Ha boas piadas com as irmãs Hilton, e uma com o anãozinho Harry Earles tambem muito boa, ao sahir elle do camarim de Olga Baclanova.

Fóra disso, é mais um Film de circo. Seus detalhes humanos interessam e o Film ainda podia ser mais philosophico até. Leila Hyams não é apresentada como criatura candida e para c, sim, logo humanamente sendo expulsa da companhia do hercules Henry Victor. Wallace Ford é igualmente uma boa observação e aquelle seu banheiro, por falar nisso, vae enganar a muita gente... Olga Baclanova é a cousa mais exquisita e fascinante que tem o Film e ella está perfeita dentro de seu papel. Optima! Rosco Ates gaguejando e agradando como sempre. Harry e Daisy Earles tem papeis importantes. Rose Dione, Edward Brophy e varios monstros horrendos figuram.

Willis Goldbeck e Leon Gordon scenarizaram. Sabem qual é o genero. Assistam, se o apreciam. Dentro de sua especialidade é um bom Film.

Cotação: — BOM.

William Baxter e Marian Nixon em "Papae amador"

F

A comedia RICA E BONITTA, com Charlie Chase, exhibida como complemento, agrada em cheio.

M

AFRICA SELVAGEM (Up to Congo) — Sonoart.

O Programma Serrador tinha este Film e "Tesha", annunciados ha muitos mezes e quando um Film demora assim a gente desconfia... os exemplos tem sido frequentes...

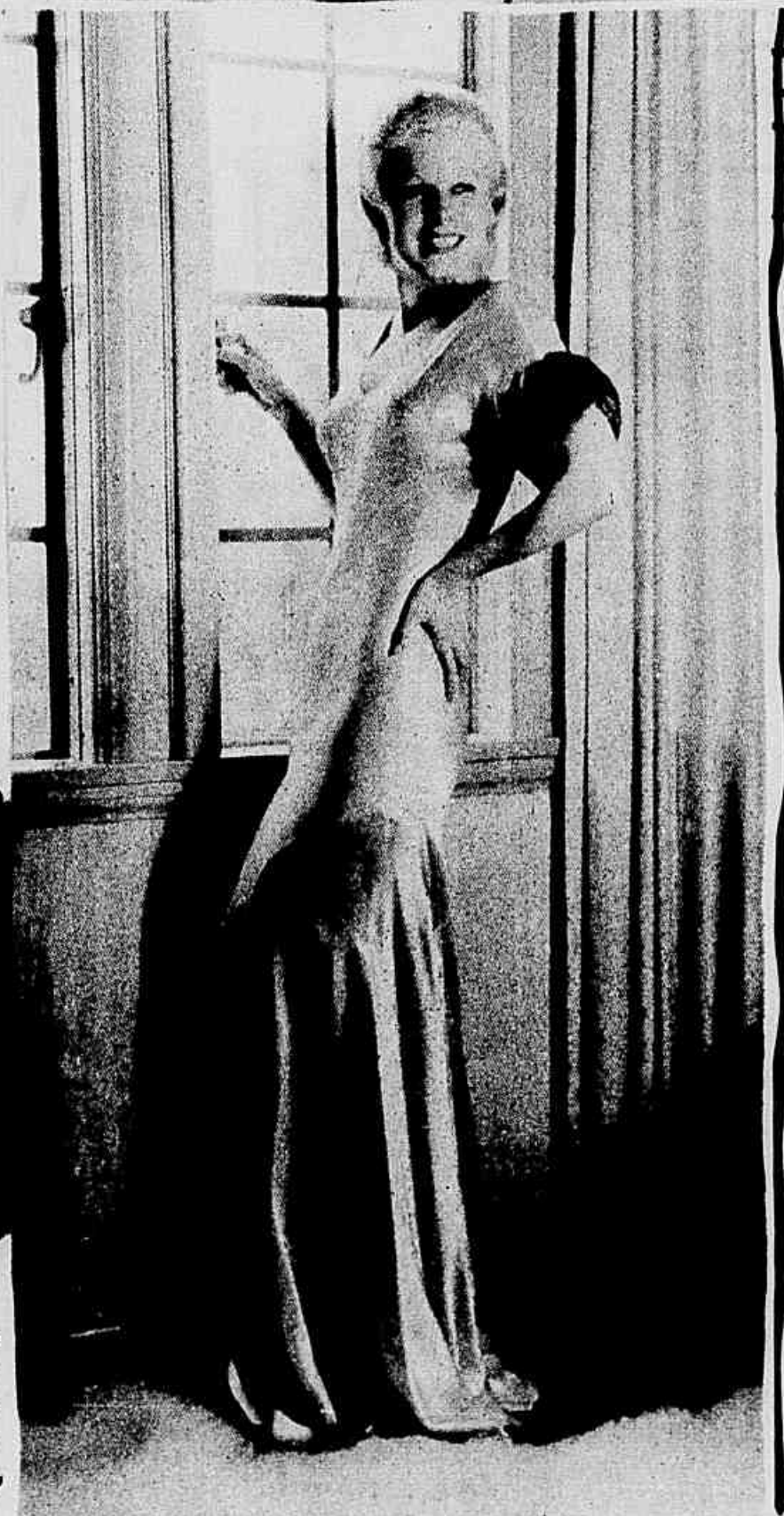
Este é talvez o peor de todos esses Films sobre a Africa. Mas é provavel que agrade aos apreciadores do genero, eu sei de muita gente que não perde estes Films... As cousas andam negras, mas tambem assim não.

Cotação: — MEDIOCRE.

"Faithess" é o novo titulo do Film da Metro, com Tallulah Brankhead e Robert Montgomery.

"His Majesty's Car" é o primeiro Film de Lilian Harvey para a Fox. John Boles é o "leading-man" e El Brendel tambem figura. Alfred Santell, dirigirá.

Arthur Jacobson e Marion Gering são os directores de "Madame Butterfly", da Paramount, com Sylvia Sidney, como se sabe. Lembram da versão com Mary Pickford?

QUANDO
VEREMOS
"THE
PLATINUM
BLONDE"?
Jean
Harlow...
CLARK
GABLE
E' A
SUA
ULTIMA
VICTIMA...

NO NO JANET...

Com excepção de Greta Garbo, não existem dez artistas que tenham tido cousas escriptas a respeito das mesmas como Janet Gaynor tem. Ha qualquer cousa nessa Janetzinha que todo mundo quer bem, qualquer cousa mysteriosa e desconhecida, que tem o poder formidavel de desnortear os escriptores, particularmente os homens, que assim que a entrevistam correm ás suas machinas e enchem laudas e laudas com elogios e mais elogios e uma quantidade deploravel de assucar onde as palavras *suave*, *meiga*, *fragil*, *delicada*, etc., são o *climax*.

Realmente têm razão os que assim escrevem e dizem, em parte, porque nada póde existir tão suave, tão fragil e tão meigo quanto Janet Gaynor todinha. Sob essa mascara e esse corpo de creança ingenua, no emtanto, existe um cerebro habil, agil e forte.

Principalmente intelligente. Janet estudou deante de um espelho, com toda certeza, suas poses de menina ingenua. Mas um dia enjoou de ser assim. E quiz representar, mas representar de verdade. Pediu e quiz papeis como os de Norma Shearer, Constance Bennett e Joan Crawford. Disse, aos amigos, que queria apresentar aos mesmos e ao publico em geral alguma cousa realmente á altura de seu cerebro e de suas possibilidades artisticas. Não queria mais ser a adolescente e delicada de todo Film seu, até então.

E ha annos que ella vem lutando para fazer esse que "differente" em Films. Hoje, no emtanto, sente-se ella derrotada, sabe que está derrotada, convence-se com a derrota deante do impossivel. Janet é uma mulher de convicções e determinações fortes e annos e annos teve ella a convicção de que poderia facilmente representar papeis superiores ao typo assucarado que andava representando constantemente. O publico não a quer assim, no emtanto e não a deixa agir. Esse "elles" que são justamente aquelles que fazem a fama de uma "estrella" e lhe dão a desgraça, tambem, quando desgostosos, gritaram-lhe firmes, certos e seguros do que diziam:

—"Não! Não! Janet!"

E não admittiram que ella mudasse o rumo de sua carreira artistica. Elles querem que ella continue como ideal na vida dos mesmos e que nunca deixe de ser a inspiração dos sonhadores. E Janet, hoje, submette-se finalmente á decisão desse invisivel publico que, quando não gosta, sabe de sobra demonstrar esse seu modo de pensar no "guichet" da bilheteria... E hoje, assim, Janet está fazendo *Tess of the Storm Country*, uma historia sentimental que já serviu a Norma Talmadge e Mary Pickford, cujo repertorio ella está repetindo quasi que integralmente, excepção feita de "Sonho de Moça", (Rebecca of the Sunnybrook Farm") que recusou fazer e que a Fox deu immediatamente a Marian Nixon sem com ella discutir mais o assumpto... E, o que é mais, Janet, mais submissa, hoje, espera que "elles" apreciem esse seu novo e assucarado Film.

Olhemos rapidamente pela carreira de Janet Gaynor afóra. Ella é sobejamente conhecida, bem sei, mas ha alguma cousa a demonstrar onde foi que ella iniciou a luta pela differenciação de seus papeis e onde que voltou atraz sua decisão.

"O beijo da meia-noite", "Precisa-se de duas moças" e "Alma que volta", e "A inundação" e depois "Setimo Céo" começou. E dahi para diante ella não foi mais do que a Diana desse Film, repetida de varias fórmas. A's vezes Diana é orphã e noutras uma pequenina immigrante, mas sempre Diana.

Quando Janet comprehendeu isso e viu o typo "standard" que estava constantemente repetindo, resolveu tomar conta do baralho e começou a dar cartas segurando os trunfos na mão. Lembram-se certamente da fuga della para o Hawaii, deixando a Fox "na mão", como diz a giria com tanta felicidade. E ella, quando fez essa imprevista viagem, declarou que faria, dali para diante, os papeis que entendesse e não mais aquelles que lhe impuzessem. Sem isso, não regressaria tão cedo.

A companhia usou todos os meios para conseguir seu regresso. Prometteram-lhe Films de papeis differentes. E ella e Charles Farrell foram postos no elenco de um Film assim differente que ambos tanto queriam — sim, ambos, porque Charles tambem vivia sonhando com isso — e que foi "Divino Peccado". Comparando, no lucro que deu, a demais successos da dupla Gaynor-Farrell, o Film foi logicamente tido como um retumbante fracasso. E ella voltou por algum tempo aos papeis de menina ingenua.

Mais tarde ella foi á Europa. Quando chegou, de volta, trazia o cabello ainda mais vermelho do que quando fôra e um penteado differente do qual tinham fugido os cachos e que era positivamente moderno e differente. Voltou tambem com uma determinação forte em seu espirito. Não fazer mais um só Film que fosse do "typo Janet Gaynor". Queria ter malicia e vida mais intensa, nos seus Films e havia de ter custasse o que custasse!

E o que aconteceu ao mundo quando elle soube disso, estarrecido? Centenas de cartas choveram protestando contra esse crime de Janet Gaynor transformar-se numa pequena moderna, peccaminosa e maliciosa. Janet não devia ter cortado suas tranças! Não queriam que a Diana do "Setimo Céo" entrasse pelo sophisma das situações Cinematographicas tão justamente perseguidas pela censura.

Um jornal americano, por essa época, fez um concurso para apurar quaes as figuras americanas, no Cinema, que mais agradavam ao publico. Venceu Marie Dressler, seguida de Janet Gaynor. Mas era a Janet de "Papae Pernilongo" que elles applaudiam freneticamente, com ardor e não a Janet de "Divino Peccado".

Janet não queria, no emtanto, dar-se assim tão depressa por vencida, ainda que isso já lhe estivesse acarretando um consideravel prejuizo financeiro. Refiro-me, aqui, ao quanto ella perdeu em salarios quando fez aquella "fuga" para o Hawaii.

— Mas por que é que não me deixam provar que sou differente, capaz de fazer qualquer cousa differente que não seja agua e assucar, apenas? Por que?

Exclamava ella, nervosa, quasi neurasthenica já com a resistencia do publico. E ella, nesse interim, rejeitara figurar como principal figura de "Sonho de moça", que a Fox tinha comprado exactamente para ella. Mas "Sonho" era justamente a especie de papel da qual ella se queixava, exactamente a sorte de papeis que ella não mais queria interpretar. E para a fazerem mais uma vez feliz, deram-lhe consentimento para figurar em "Casar é Assim" uma historia comprada e pensada para Sally Eilers e James Dunn e que lhe deram por que ella pediu e exigiu e a Fox, afinal, quiz mais uma vez provar á pequena que ella estava errada. E Marian Nixon foi posta como protagonista de "Sonho".

O que se seguiu, fez Janet pensar. O Film de Marian estreou e se bem que ainda não tenha corrido mundo para trazer opiniões unanimes, correu rapidamente os principaes Estados americanos do norte e as cartas que choveram foram elogios tremendos ao Film e principalmente ao trabalho de Marian, que todos acharam simplesmente soberbo. Achavam-na, muitos, até "superior a Janet Gaynor". E diziam que ella era estupenda e que se Janet queria outros papeis, dessem, porque agora já não fazia falta...

Malicia ou não, arte ou não, Janet soffreu profundamente com esse exito inesperado de "Sonho de moça" e, principalmente, com o commentario relativamente frio da imprensa sobre o seu "Casar é Assim". E ella sabendo que aquelle Film fôra planejado para ella, ainda mais se enfureceu.

E ao mesmo tempo Joan Bennett veiu ao cartaz. E' que ninguem deixa de saber, em Hollywood, que Joan tem uma viva ambição de conseguir os papeis de Janet. Ella soffre muito com a mania que têm de collocarem em papeis que são copias a carbono dos papeis de sua mana Constance, em outra fabrica. E Janet pensou maduramente nisso, tambem, que lhe chegou aos ouvidos exactamente quando ella soffria a concurrencia de Marian Nixon...

Depois Sally Eilers ainda por cima! Janet insistira em fazer "Casar é Assim". Sally não podia reagir ao assalto e conseguir um dos papeis de Janet, em paga? Sally e Jimmie eram a dupla mais em evidencia, no momento e todo mundo já se preparava para esquecer a dupla Gaynor-Farrell...

E quando Janet matutava em tudo isso, chega Lilian Harvey da Europa, contractada pela Fox. Janet lembrou-se, como um relampago que lhe cortasse o cerebro, de uma critica que lêra em uma das melhores publicações especializadas do paiz e que dizia, falando de "O Congresso Dansa", que Lilian "era uma Janet Gaynor loira, tendo tudo que Janet tinha e ainda melhores attributos!"

Dessa fórma, com Marion Nixon, Sally Eilers e Lilian Harvey assestadas contra ella, Janet achou melhor entregar a luta. Além disso a tempestade de protestos publicos que surgira quando ella disse que queria papeis maliciosos e humanos era alguma cousa que tinha calado fundo em seu espirito...

Assim a "Diana" do "Setimo Céo" teve a sua resurreição..

IRE

IRENE DUNNE nasceu, exactamente á meia noite. Eis ahi a razão, talvez, pela qual Hollywood, de accordo com o que ella diz, está sempre "tão no escuro"...

Geralmente quando uma creatura, principalmente quando ella é "estrella", figura em duas luminosidades iguaes a "Cimarron" e "Back Street", depois, já no dia seguinte Hollywood sabe tudo a respeito. No dia seguinte, não. No minuto seguinte, provavelmente.

Irene Dunne está ha tres annos no Cinema, no emtanto e Hollywood até agora não parece ter percebido isso...

Uma creatura como Irene, antes de mais nada, não admitte qualquer idéa de mysterio ou problema insoluvel. Sua biographia é de uma simplicidade rara e ella parece mesmo ser um producto absolutamente vulgar, dentro da vida, sem qualquer cousa a chamar a attenção como mais ou menos differente. Apesar disso, no emtanto, a pequena que nasceu aquella noite em Louisville tinha qualquer cousa de differente que o destino mais tarde aproveitaria.

Qual é a "estrella" de Cinema que já pensou em cantar no radio, "incognita", apenas para praticar? Irene faz isso frequentemente e quando ouvirem, agora, uma voz admiravel de "mezzo-soprano" sob um nome supposto, prestem bem attenção e verão que não é outra sinão a mesma heroina que tão maravilhosamente canta para a gente em *Back Street*. E esta idéa de Irene e sua maneira de encarar as cousas é apenas umas das muitas que diariamente lhe affluem á cabeça.

Quando menina, ao longo do rio Ohio, o qual o pae percorria sempre na barca que commandava, Irene, que então tinha apenas dez annos, era estouvada e irrequieta. Justamente o opposto que hoje apparenta ser. Era o terror das vizinhanças e a principal diversão de toda reunião de creanças das redondezas quando imaginava as cousas mais interessantes para divertil-as. Era das taes que quando via um casaco abandonado logo tratava de lhe dar nós ás mangas, para atrapalhar na hora de vestir... Uma "levada da breca", como chamamos na intimidade a creanças assim.

Quando já era mais velha, o pae certa vez adoeceu e foi ella que commandou o barco na ida e na volta e sem elle saber. Disse a todos que era por sua ordem e quando voltou encontrou uma carranca terrivel que logo se desfez quando notou o susto que ella ainda trazia no rosto pelas emoções violentas pelas quaes passára naquella accidentada travessia.

Foi a bordo de um bote-theatro, naquelle mesmo rio, que ella assistiu á primeira peça de theatro em toda sua vida. A peça que lhe iria despertar a attenção e a vocação para a arte. Era a peça "Showboat", onde o papel de "Magnolia" a fascinou promptamente. E foi mais tarde nesse mesmo papel que ella teve sua primeira consagração artistica.

E ella fez aquelle rio Ohio, num bote semelhante, muitas e muitas vezes, representando para outras meninas iguaes e ella que possivelmente tambem estava inspirando para a mesma carreira, mais tarde.

O papel de Sabra Carvat, em "Cimarron", foi-lhe dado por se ter ella apresentado sem aviso e sem pedido. Apresentou-se, apesar do numero de candidatas. O director Wesley Ruggles certamente não se interessou por ella. Mas quando a ouviu cantar e quando a viu representar o "test", principalmente representar, pois aquelle papel não era para canto, contractou-a incontinenti e dispensou todos os demais "tests".

De Louisville, onde nasceu e onde fez sua primeira educação, Irene mudou-se para St. Louis, onde entrou para um convento afim de se educar. Do convento sahiu ella para entrar para a Academia de Musica de Chicago. Tornou-se quasi professora de canto dessa escola, tal foi o gosto que tomou pela mesma e só não se deu isso pela intervenção da familia que não a quiz tão cedo assim na burocracia e preferiu que ella désse mais vivacidade a si mesma, procurando talvez no theatro sua victoria decisiva. E foi mais por isso que ella resolveu dar corpo ao seu sonho de menina. E terminou sua carreira inicial em New York, onde logo conseguiu pleno exito tanto como artista como cantando, pois sua voz é realmente admiravel.

Não deixem de vel-a em "Back Street" onde ella tem um desempenho extraordinario.

Em New York encontrou ella exito para a sua carreira e um marido, o dentista Dr. Francis D. Griffin, muito mais velho do que ella e que é outro enigma para Hollywood.

Falando a respeito da sua vida em companhia desse marido Irene affirma que sua união, sob esse aspecto, foi ideal. Elle permanece em New York, onde cultiva sua profissão com pleno exito e annualmente faz duas ou tres visitas a Hollywood para vel-a e ella, quando póde, tambem corre ao seu encontro.

— Meu casamento é feliz justamente por causa da nossa separação. Nem eu enjôo e nem elle. Poderia aconselhar a todas esta especie de casamento. Mas como não sei se têm todas o meu temperamento, não arrisco...

Foi assim que ella me disse alguma cousa a respeito desse seu processo matrimonial em si tão excentrico e incomprehensivel, particularmente para Hollywood e sua gente... Diz ella que sempre que se encontra com o marido e passa as férias delle ou as della em sua companhia, que é como se fosse uma nova "lua de mel" e que é nisso exactamente que reside todo o segredo de sua felicidade conjugal, que sem isso cahiria no vulgar. Em New York elles mantêm um apartamento que é a cousa que Irene mais adora, depois de sua vida particular. E o marido, quando vem a Hollywood, fica morando com o irmão de Irene no Club. E Irene vive em companhia de sua mãe em Beverly Hills.

Irene Dunne é possivelmente a unica creatura de Hollywood que faz as cousas exactamente como as quer. E' positiva em todos os seus desejos. Quando "quer", não olha pessoas e nem cousas para attingir o seu objectivo. Ella concorda e admitte ter um genio terrivel, ás vezes. A vida toda tem ella procurado dominar esse genio. Mas o successo tem sido mais do que relativo. Ella tem um livro que se chama "Nem um Palavra". Esse, diz ella, é o seu allivia nervos. Quando está exasperada, furiosa, fremente, corre para um canto e lê o livrinho. Lê furiosamente, sem nada comprehender do que está lendo, mas lê. E com aquillo acalma-se. E' talvez o unico livro que nunca tenha lido, esse, mas é o unico que ella lê ás vezes diariamente e quasi todo...Por tudo isso a gente nota o caracter heterogeneo que ella é. Ella é muito intelligente, no emtanto e os meios todos que emprega para melhorar a si propria provam isso á saciedade.

NE...

Ha poucos dias, um director assistente combinou uma Filmagem para o dia seguinte, ás sete da manhã. Mais tarde foi a Filmagem cancellada para o dia immediato e o assistente esqueceu-se de avisal-a da contra-ordem. Irene foi ao Studio e gastou as duas horas habituaes á sua pintura. Depois é que ella soube que ali não seria necessaria naquelle dia.

Diz ella que não só leu o livro todo dinho, nesse dia, como contou até mil, para imitar Napoleão e, depois disso tudo, ainda estava mais furiosa de que quando foi avisada de que não havia Filmagem... Uma cousa garante ella: — esse assistente jamais cahirá nesse erro, em toda sua vida...

Outra cousa que a torna capaz de ler uma encyclopedia num dia e afinal de contas por pouca cousa, é quando ella erra tacadas no "golf". Ella se sente orgulhosa em ser figura de prôa do Club Acerto na Primeira, de Hollywood e por isso mesmo enfurece-se violentamente quando erra o golpe que todos esperam justificadamente della.

Actualmente está ella em Estado de revolta. Tanto em "Cimarron" quanto em "Back Street" teve ella que viver as sete idades de uma mulher. Hoje declara-se ella rebellada contra isso e não quer mais envelhecer antes do tempo. Acha que mesmo ficando a velha bonita que ficou nesses Films, ainda assim não quer saber de historias. Nada de velhice. Acha que assim acabará uma velha conhecida pelos "fans" e apenas como tal...

— Se me puzerem mais um fio de cabello branco sobre a cabeça, sou capaz de entrar instinctivamente para um asylo de velhos expostos ou cousa semelhante e eu não quero que semelhante poeira caia sobre o meu sub-consciente!

Diz ella. Além disso, sinceridade é cousa que não lhe falta. Outras artistas da Broadway, tão celebres quanto ella, tornam-se orgulhosas e mostram esse orgulho ostensivamente a Hollywood, gabandose de não serem "do vulgar Cinema". Ella, não. Prefere o Cinema ao theatro e diz isso francamente. Além disso não só não pretende volver ao theatro como tambem quer terminar sua carreira artistica no Cinema, e só nelle.

— Represento, num Film, para uma platéa infinitamente maior. E' o mundo! O Cinema não repete as cousas. Scena representada e photographada é scena liquidada para todos os effeitos e é justamente a repetição a cousa mais exhaustiva do theatro.

Por outro lado ella não ingressou "totalmente" para o grupo de Hollywood. Isto é: — não frequenta festas, não exaggera, não faz tudo quanto as "snobs" — e são tantas! — de Hollywood fazem. E' differente, positivamente. Como artista, como mulher, como creatura, como tudo! Bem por isso que tem "it" e todos gostam della.

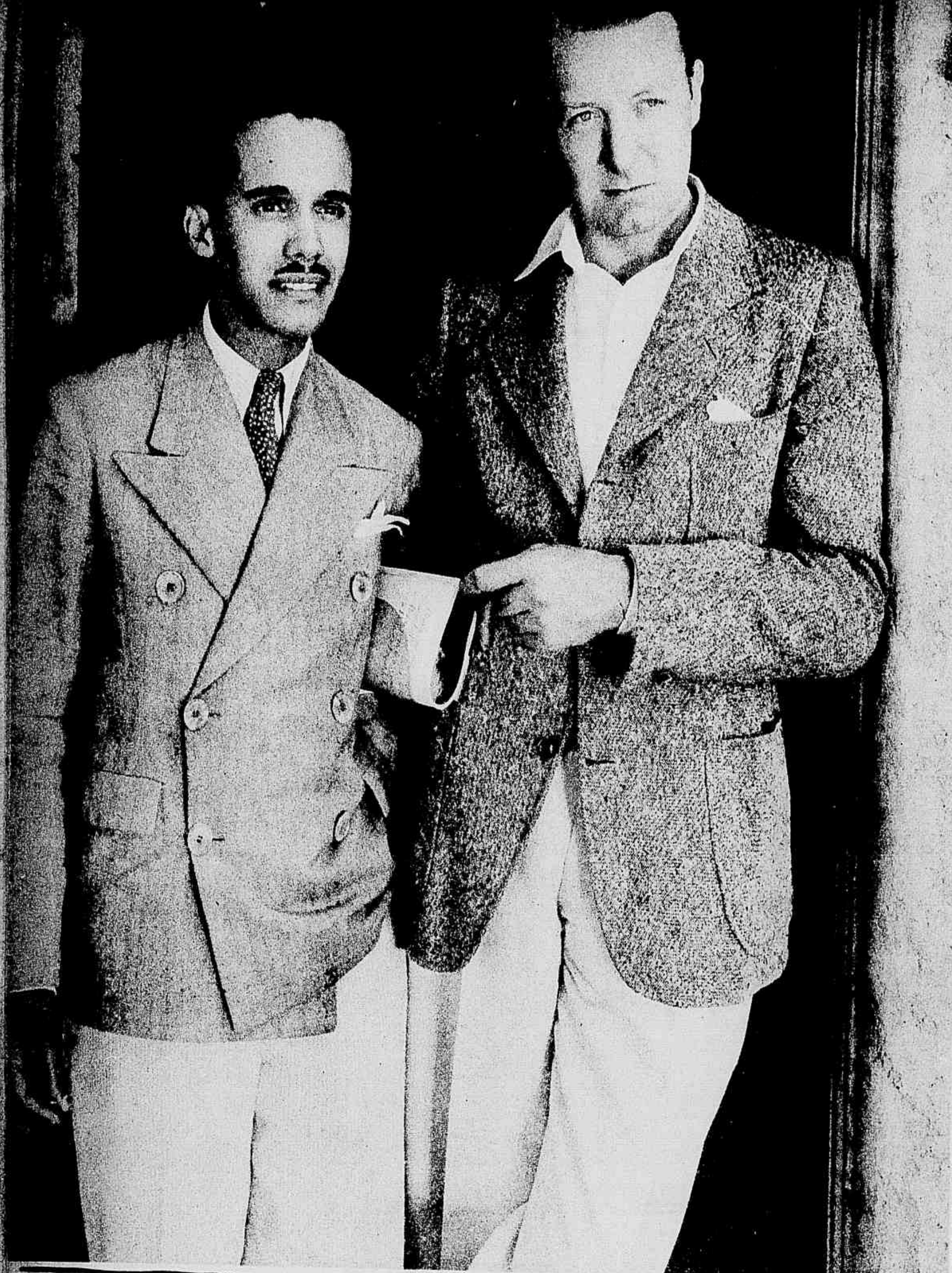
VIRAM IRENE EM "CIMARRON?"

Paul Vincenti, nome que ainda está na lembrança dos "fans", foi contractado para trabalhar em "The Rebel", Film que a Universal está produzindo nos Alpes, sob direcção de Edwin H. Knopf. No elenco estão Vilma Banky (vocês não estão contentes?), Luiz Trenker, e outros. O assumpto trata da invasão dos Alpes por Napoleão e o Film está sendo feito em tres idiomas — francez, allemão e inglez.

+ + + Já começou a Filmagem de "The Last Man On Earth", da Fox, com Roulien e Rosita Moreno. James Tinling é o director.

+ + + George Raft e Sylvia Sidney são os principaes em "Pick-Up", da Paramount.

+ + + "Sanctuary" será o novo Film de Miriam Hopkins, depois de "No bed of her own", com Clark Gable e "Trouble in Paradise". Por falar em Miriam, ella fez annos no dia 18 de Outubro.

+ + + Mary Brian substituiu Carole Lombard no novo Film de James Cagney, para a Warner Bros.

Clive Brook e Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood.

HOLLYWOOD, sempre dourada pelo sol bonito da California, é, entretanto, pintada por esse mundo de Deus em côres negras! São sombras que os pintores escolhem para com ellas dar aos **fans** e ao mundo inteiro uma idéa do que é a cidade onde vivem as estrellas e os grandes nomes do Cinema... Pobre Hollywood! Merecia ser melhor comprehendida, melhor vista, e sentida sob um prisma differente. Só se tem escripto sobre ella coisas tristes, só mostram ao mundo seus defeitos, seu lado mau, as desillusões, os corações partidos que nella vivem e penam... As figuras, que illustram as paginas escriptas sobre a capital do celluloide, são sêres esqualidos, suspirando por um pouco de felicidade — chorando lagrimas sentidas, soffrendo... O Hollywood Boulevard é bem o segundo "muro das lamentações", onde, os infelizes e desherdados da sorte carpem suas penas e maldizem o céo lindo, sempre tão azul ou recamado de estrellas deste pedacinho de paraiso que recebeu o nome de Hollywood!

Lagrimas! Será porventura, Hollywood, o unico logar do mundo, onde as pessoas choram?... Penas e tristezas... Será este o unico rincão de todo o orbe que as possue tão sómente? Não — Hollywood é habitada por seres humanos — estes são bons ou máus, como em qualquer outra parte do mundo. E, muitas e muitas vezes, são os seus habitantes que procuram a desgraça, que armam sua propria infelicidade e por isso choram e soffrem — como lhes teria succedido, da mesmissima maneira, se a sorte os tivesse atirado para as margens do Sena — na Paris deliciosa, ou lhes desse por passeio as avenidas de Berlim ou o cáes sujo e esverdeado do Ganges sagrado... Não existem no mundo cidades desgraçadas... Ha homens felizes e outros que não conhecem o modo de conseguir a Felicidade... Não sabem vencer, não querem ir em busca de melhor sorte e são fracos, sem animo e coragem para deixar Hollywood! E a pobre cidade, onde ha muitos e muitos annos, um Frei, humilde e piedoso, disse a sua primeira missa — no então selvagem e despovoado Sunset Boulevard — a pobre cidade das estrellas recebe a pécha de maldita!

Agora — **fans**, para quem a felicidade e a alegria consistem em ver os seus idolos, em ouvir a voz das suas estrellas predilectas, em estar em contacto com esse mundo irreal, na téla, mas verdadeiro e humano, fôra della — para estes — Hollywood é deliciosa. Cheia de sensações diarias — cheia de aventuras e emoções — onde tudo se reune para dar belleza e encanto — aos seus dias e ás suas noites...

Cada vez que entro num Studio, esse mesmo Studio para onde, nos meus dias de menino, escrevia pedindo um retrato, crendo que a estrella lia, com attenção e interesse as pobres linhas, num inglez de terceiro anno; quando piso o solo de uma dessas fabricas, onde se fazem obras de valor, verdadeiras maravilhas dessa arte — o CINEMA — quando falo aos artistas e me posso delles abeirar — sentir-lhes as confidencias, apertar-lhes as mãos com enthusiasmo de **fan** e admirador que ainda sou — gosto cada vez mais ainda desta Hollywood, sempre tão dourada pelo sol bonito desta encantadora California... Hollywood é para os verdadeiros **fans**, para os que nella só vêem Cinema, artistas, directores — a alma e a essencia da arte das imagens! Para estes, Hollywood é um recanto delicioso!

ooooOoooo

Mulher contra Mulher, foi um velhissimo Film que nos apresentou um novo artista, Clive Brook. Uma historia simples, sem pretenções, cujo magno interesse residia exactamente na personalidade nova que se destacava na téla de prata. Um novo nome... Teria vindo para ficar? Appareceria em novos trabalhos ou se sumiria, como tantos outros, cuja carreira tem o tempo de uma estrella cadente, descrevendo um rastro, brilhante, mas extremamente curto, no espaço negro da noite?

Betty Compson era a estrella e o Film inglez. O publico o viu e passou a indagar dos questionarios das revistas especializadas a respeito do novo artista. Quem era elle? Teriamos mais Films com Clive Brook... e as perguntas se succediam, provando que a sua personalidade, a sua extrema distincção, sua elegancia haviam calado fundo na admiração dos que vão ao Cinema.

Eu tambem perguntei sobre elle. Era nisso que eu pensava, quando entrei, naquella tarde, no Studio da Paramount, esperando encontrar Clive Brook, com quem tinha uma entrevista marcada.

Atravessei o jardim do Studio, e me encaminhei para um escriptorio de onde, mais tarde, deveria seguir para o camarim do artista. E — mais uma vez, vi serem verdade as palavras com que iniciei esta chronica, pois pelas alamedas do Studio cruzavam commigo figuras conhecidas de um sem numero de Films... E eu pensava em vocês todos — Queria ter a todos ao meu lado e ir mostrando aos meus leitores quem passava... Com certeza haveriam de reconhecer o andar elegante, ondulado, fascinante de Talullah Bankhead... Ella é uma das maiores personalidades do **lot**. A sua voz, entretanto, é o que mais fascina na sua pessoa. Uma voz quente, bonita, sensual...

E, naquella ponte, que liga um edificio a outro, passa, num pyjama vermelho, sempre linda e cheia de magnetismo — Marlene! Sempre anda de cabeça levantada! Seu olhar, entretanto, parece perder-se no infinito. Pousa sobre as montagens maravilhosas de "O Signal da Cruz", levantadas ali bem perto... Depois corre pelos telhados do casario do Studio e se deixa mergulhar na vastidão no horizonte. Naquelle dia, ella parou um instante para fixar a paizagem, que em monticulos e collinas ondulosas ia esbarrar de encontro á parede altissima dos montes São Bernardino... Bem cedo, aquellas pontas se cobrirão de neve, quando o inverno chegar...

Constance Cummings, a graciosa estrella da Columbia, cedida para um Film, ao lado de George Raft, a ultima ameaça aos corações frageis das minhas leitoras, pára um momento para comprar cigarros que o sorridente Oscar, o engraxate do Studio lhe vende todo mesuroso. E quem está engraxando os sapatos? Não reconhecem a sua figura de homem do mundo? O conquistador perigoso que beijou os labios da elegante Florence Vidor e disse coisas bonitas ao ouvido de Kathryn Carver — tão bonitas e tão sinceras que ella o desposou? Sabem, não é? Pois se é tão difficil vou dizer... Ali está Adolphe Menjou! Então não vale viver em Hollywood para ver de perto esse mundo todo de gente celebre, que se anima e toma attitudes, parecendo ter deixando as folhas do album, onde se alinham os recortes das paginas do velho **Para Todos**... ou dos primeiros numeros de **Cinearte?**

E esse Film diario de Hollywood — essa parada de estrellas vae passando ao meu lado, emquanto cruzo os recantos do Studio.

ooooOoooo

Realmente elle é o **gentleman** da téla. Maneiras de principe, attitudes de um nobre, falando com distincção, medindo bem as palavras, tecendo as phrases com elegancia e finura. Que prazer é conversar com Clive Brook! E como elle parece ser sincero, franco nas suas confidencias, falando de Films passados, dizendo os que elle considera, realmente, dignos — contando os fracassos da sua carreira, em papeis onde havia sido collocado, contra sua vontade e inadaptaveis ao seu typo.

Elle é inglez, falando com um ligeiro accento britannico. Faz longas pausas, como se estivesse a procurar o vocabulo exacto, que reproduza, perfeitamente, o seu pensamento. Tambem não fala muito. Conversámos, entretanto, por longos momentos e delle ouvi coisas interessantes, sobre a sua vida, seu principio em Cinema e seus projectos futuros. Clive Brook, dentre os seus papeis, me mostrou uma lista de Films — tres ou cinco dezenas de producções, onde elle appareceu, desde que teve a sua primeira opportunidade em **Mulher contra Mulher**, em Londres, ao lado de Betty Compson.

Foi essa lista que nos forneceu assumpto bastante para a palestra. Nella recordei varios dos melhores papeis de Clive Brook e elle concordava ou não commigo. Realmente, é curioso. Clive é, talvez, o critico mais severo que já conheci. Analysa seus papeis com justiça, usando da maxima imparcialidade. Não quer tambem ouvir elogios. Se acha que este ou aquelle papel não o agradou — elle sabe que tambem muitos poucos dos seus admiradores gostaram tambem... Elle não se enche de vaidades — sabe quando a parte é boa ou quando não lhe offerece

margem a um desenho correcto, como elle, em geral, sabe fazer. Dentre os seus velhos trabalhos — um delles me chamou logo a attenção — **O Edificador do Lar.** Lembram-se?

A Universal produziu, naquella sua maneira esplendida, uma historia tocante, cheia de belleza, simplicidade — em que cada pormenor era uma pagina de psychologia.

"Um dos que mais me agradaram. Esplendida opportunidade. Um Film de real valor, artistico e immensamente humano. Senti quando desempenhei esse papel, por varias razões. Elle offereceria tanta verdade, tanta belleza — e tambem porque sou pae e sei o que é a vida do lar. Alice Joyce, por seu lado, contribuiu com uma finissima **performance.** Este está na minha lista, com minha plena approvação!" diz-me elle.

Poucas vezes me tenho enganado, nos meus estudos e apreciações sobre o valor dos Films em que tenho figurado. Gosto de compilar a opinião dos outros — leio tôdas as criticas, procuro fazer um estudo comparativo da opinião de differentes publicos, afim de ver se a minha opinião combina com a dellés... E, deixe-me dizer — não faço isso procurando que elles concordem commigo sobre a perfeição ou excellencia do meu desempenho. Sei que tenho tido papeis terriveis... e desempenhos

máus tambem. Errar é humano! Não acha?" pergunta-me elle.

Vamos ver — Declassée — agradou-me; depois vem "Paixão e Sangue!" Que Film esplendido. Realmente, foi um trabalho arduo — tive dois esplendidos antagonistas. George Bancroft e Evelyn Brent, mas gostei do meu papel; temos ainda "Forgotten Faces" — que é tambem um dos meus predilectos." Este ultimo trabalho, no elenco apresentava Olga Bacalnova, William Powell, Mary Brian — lembram-se? Não me posso recordar agora o titulo em portuguez. Recordo-me que, ha annos, a propria Paramount fez uma versão silenciosa da mesma historia, intitulada **Heliotrope**, nome dado pela verdadeira paixão que o protagonista tinha por esse perfume...

A minha memoria não está assim tão má — caros leitores! Lembro-me agora, perfeitamente — Não se chamava — "Armadilha Perfumada?" Lembram-se daquella scena em que Olga está tocando piano e William Powell chega-se a ella e a beija com paixão?... Como é que se pode olvidar um momento daquelles, num Film tão bom...?

Como entrou para o Cinema? perguntei-lhe.

"Pela porta do theatro. Depois que a guerra terminou, tentei novamente o palco, tendo trabalhado em diversas companhias. Foi assim que conheci a minha esposa. Desposei-a e ella abandonou o theatro para ser, apenas, a dona do nosso lar. Fui convidado, então, pela Granham-Cutts Company, de Londres e offereceram-me um papel nesse Film de Betty Compson. Seguiu-se outro ao lado de Betty Blythe e, mais tarde, quando o Film foi mostrado na America, chamaram-me para trabalhar aqui e, assim, aqui fiquei."

Cinearte estava em minhas mãos. Clive tomou-o e poz-se a folhear. Na secção da **Téla em Revista**, havia uma apreciação sobre o seu Film **Silencio**. O titulo em inglez chamou-lhe a attenção e Mr. Brook, indagando, diz-me: "Vamos lá, traduza estas linhas para mim... Mas, veja lá, seja sincero, franco, na sua traducção... Nada de faltar á verdade! Quero saber o que dizem do meu trabalho."

A opinião do meu collega do Rio não era das mais favoraveis ao Film, mas Clive concordou com elle, dizendo que, realmente o achara fraco e delle não gostara.

Perguntou-me tambem se "O Expresso de Shangai" já tinha sido exhibido no Rio e se havia causado agrado no publico. Prometti-lhe, então enviar-lhe o **Cinearte** onde deveria sahir a apreciação sobre esse seu recente trabalho, que, na sua opinião, é um dos que mais o agradaram. Eu estava realmente encantado com a prosa agradavel e pontilhada de notas interessantes que Clive Brook me dava.

Recordava, então, seus antigos papeis; trocavam idéas sobre elles e Clive ia contando passagens e momentos que para a minha curiosidade de **fan** se tornavam deliciosos. Não era aquelle momento um justo premio a tantos annos de espera; de aguardar o momento de viver em Hollywood e vêr esse mundo de perto, tomar-lhe o pulso e sentir tão esplendidos momentos que são todos os que tenho passado ao lado das estrellas

BROOK, o gentleman da tela...

e dos astros... Ainda não tive uma decepção — as desillusões com as estrellas são para mim ainda desconhecidas. Elles são tão humanos — gente como todos nós. Uns mais bem educados do que os outros, como é o caso deste meu entrevistado de agora — outros porém, pela sua sympathia, sua gentileza e modos, supprem a falta de uma cultura mais aprimorada ou o desconhecimento de outras tantas coisas que se desculpam...

Não é preciso um artista conhecer Chopin, discutir as theorias de Freud ou dissertar sobre as obras classicas da pintura ou da litteratura para ser interessante e agradavel... Clive, realmente, é intelligente — culto, estudioso. Nem sempre uma collecção de livros é prova de que o seu dono os folheia, os annota e os lê com attenção... Ha tantas bibliothecas virgens, que dormem o somno eterno, servindo apenas de alimento ás traças vorazes! Mas, os livros que vi e os que toquei, durante a minha visita ao camarim de Clive Brook, deixavam ver bem claro que haviam sido manuseados pelo artista. Elle os havia lido, como cuidado.

"Terminei um outro Film, recentemente. Ha tres dias, para ser preciso. Chama-se, até agora — Suburb (mais tarde mudado para **The Night of June 13**). Não é estrictamente o que eu poderia chamar uma parte ideal para mim, mas tambem não desgostei de todo. Confesso que se pudesse teria evitado representa-la, mas o meu contracto não me dá ainda essa liberdade de acção. Tenho que me submetter á escolha de historias por parte dos productores e directores. O Film, em conjuncto, entretanto, offerece bastante divertimento e prende a attenção da platéa — pois ha um fio de mysterio de principio a fim. Como sabe, agora, estamos no cyclo das historias mysteriosas...!

Mas, o que mais me preoccupa, neste momento, é a parte que terei em **Cavalcade**, essa peça de Noel Coward, que a Fox vae Filmar. Para esse fim, a Paramount cedeu os meus serviços á Fox. Estou contentissimo. **Cavalcade** é o que eu posso chamar um trabalho formidavel. Admiravel em todos os seus detalhes, imponente, magnifica! Sendo eu inglez, e a Fox fazendo questão de dar ao Film um elenco todo elle composto de artistas britannicos, fui indicado para o papel principal. Será, prevejo, um dos melhores papeis que já recebi", confessa o grande artista.

E pretende, algum dia fazer Films na Inglaterra? indago eu.

"Não sei. Tudo depende das circumstancias. Não pense que despreso as companhias da minha terra, admiro-lhes a persistencia em continuar a produzir Films, acompanho com interesse o melhoramento e o progresso de taes Films, mas, no momento, acho-me preso por contracto e, aqui, em Hollywood, um artista confia muito mais no adeantamento da technica, dos recursos enormes que esta industria possue. Talvez, um dia, volte a Londres e faça um trabalho, rodeado de gente minha, de patricios. Gostaria mesmo, mas não por emquanto, a não ser que venha a ser cedido pela Paramount. Talvez muitos achem que não seja eu muito patriota ... mas

(Termina no fim do numero).

Constance Bennett

A mais elegante, a mais chic e a mais fina...

A de maior charm...

Clark Gable e Marjorie nos tempos de Cadiz . .

Marjorie Miller Sharpe como é hoje. Ella é, talvez, a maior fan de Clark Gable em todo mundo . . . Leiam o que ella conta delle.

A primeira namorada de Clark Gable

UM delicado dedal de ouro, presente de um menino de nove annos á uma garota de sete, é o thesouro mais caro que até hoje comsigo guarda a senhora Marjorie Miller Sharpe, de Cadiz, Ohio.

Por que?

Porque foi presente do seu setimo anniversario. anniversario esse feito ha vinte e um annos passados. E quem o deu foi um menino que hoje é o famoso Clark Gable, acreditem ou não. A senhora Sharpe, hoje casada e feliz esposa de um dentista de Cadiz, faz honra ao titulo que a cidade poz sob seu nome: — " Primeira Pequena de Clark Gable." Mais do que isso. Cadiz toda affirma que Marjorie foi a "unica" pequena de Clark Gable, porque elle não era muito cahido por mulheres e pouco ligando, mesmo.

Essa pequena de olhos cinzentos que se chamava Marjorie e hoje chama-se Senhora Sharpe, Clark amou realmente. E para conseguir comprar aquelle presente de anniversario, foi a custa de muita economia e esforço, tudo por estimal-a muito. — Clark foi o heroe da festa. Disse-me a senhora Sharpe.

— Elle ajudou mamãe no seu preparo. Mas o dia não terminou bem, infelizmente. Quando elle me deu o dedal e eu me senti immensamente feliz com o presente, chegou-nos a noticia da morte de meu avô. Todo mundo contristou-se ali, pois o velho era muito estimado e eu me puz a chorar pois era sua neta favorita. Elle, vendo-me chorar, ajoelhou-se perto de mim e poz-se, com seu lenço, a me enxugar as lagrimas. E ainda hoje lembro-me do seu aspecto, usando uma roupa de linho nova e tendo na mão o dedal que eu na emoção da noticia deixára cahir ao chão. E por falar no dedal, quer vel-o? Está lá em cima. Não imagina o quanto eu o prezo! Não o tracaria nem por um milhão de **dollars!** E ella, falando isso, foi buscar o dedal. Ella é alta, ainda bem bonita, moça e conservada. Disse-me que outra cousa da qual se orgulha é de ter os olhos exactamente da côr dos de Clark Gable... E é só Clark Gable e apenas Clark Gable na sua imaginação.

Ella não apparenta os vinte e oito annos que confessa simplesmente ter. Nem, muito menos, parece ser a mãe da menina que a seu lado sempre está, já bem crescida e muito linda e esperta. Além de seus trabalhos com o lar, ella ainda auxilia o marido na sua profissão. Sua casa é bem cuidada e nota-se nella o carinho com o qual ella de tudo cuida. A casa é toda construida em pedras vermelhas e fica bem defronte ao Hotel Custer, perto de um **atelier** de photographias, á porta do qual vêm-se as photographias dos dois heroes da cidade igualmente homenageados em fórma solemne: — o General Custer e Clark Gable.

— Conheci Clark antes delle entrar para o collegio, aqui, Sua mãe morreu e elle se mudou com o pae para Hopedale. Lá elle viveu sempre em companhia dos tios. Quando Clark tornou a apparecer aqui, estava elle já no curso secundario, quando eu apenas iniciava o primario. Elle na verdade quasi morava em nossa casa, durante esse tempo, pois eram poucos os minutos que ficavamos sem sua esplendida companhia. Elle tinha madrasta e, assim, conhecia bem pouco a respeito da palavra "lar", razão pela qual tanto amava o nosso.

Ella reflectiu alguns minutos sobre o que dizia e depois, olhando-me bem nos olhos, continuou, com uma grande sinceridade.

— Saiba que falar de Clark Gable é falar quasi que de gente de minha propria familia.

Perguntei que tal elle era naquelle tempo. Ella foi buscar logo umas photographias. Eram estupendas! Numa dellas, Clark Gable, com o cabello nos olhos, desalinhado, estava magnifico. E ella falava, illustrando de commentarios aquillo que juntos viamos.

— Elle tem que ser um victorioso, hoje, porque elle na verdade sempre foi um **leader**, em tudo e por tudo. Com os rapazes elle era sempre o chefe, o cabeça de tudo, o organisador, o commandante. Com as pequenas elle era valentemente namorado pelas minhas concurrentes e sempre attencioso e delicado com ellas.

E ella falava enthusiasmada, quasi de um folego só, procurando não perder nada na immensidão de pensamentos que lhe affluiam ao cerebro.

Os tios John e Mary Ella. . .

— Lembra-se de **Susan Lenox?** Daquellas primeiras scenas delle com Greta Garbo? Da maneira com a qual a tratou quando a encontrou? Pois aquillo é classicamente Clark Gable! Aquillo é elle mesmo, sempre attencioso, delicado e fino com as mulheres. Lembro-me de uma vez que fomos caçar, num bosque proximo daqui. Elle foi saccudir uma arvore para cahir um fruto que comessemos e outro cahiu, inesperadamente, bem em cima de minha cabeça, ferindo-me. Elle naquelle momento foi tão attencioso commigo quanto com Greta Garbo em **Susan Lenox,** naquellas scenas. No collegio, sempre tinhamos um **leader,** um guia. Clark Gable sempre quiz conduzir, guiar, ser chefe. Está na massa de seu sangue. Depois do collegio aos dominmgos nós iamos apanhar morangos. E quando chegava o inverno nós iamos sempre juntos á estação para vermos chegar o comboio que vinha de longe, de um longe que já o fascinava desde aquelles tempos. Quando cahia neve, patinavamos e Clark era o preferido das pequenas, na patinação, porque elle era mestre e par seguro. Lembro-me de uma noite quando resolvemos todos sahir para um passeio de carro. Cahia uma tempestade de neve, lá fóra. E o vento atirava ao rosto um vento gelado, insupportavel. Amontoamo-nos num só carro, umas seis creanças ao todo, creio. Andy Means estava comnosco e eu daqui ha pouco apresental-o-ei a Andy tambem. Charlie Wilson tambem era nosso parceiro, essa noite e hoje elle é um medico em Oklahoma. Joe Dunn, Clark, meu irmão e eu. Quando iamos em disparada grande, a roda da frente do carro sahiu e fomos projectados a distancia.

Ella se riu de alguma cousa da qual se lembrava, naquelle momento e contou, um pouco acanhada talvez.

— Lembro-me que ia sentada no collo de Clark, durante a viagem. Digo-lhe que Clark Gable nunca foi cahido por pequenas, porque posso dizer. Elle sempre se esquivava de pequenas o mais possivel e em todos nossos brinquedos elle sempre figurava em papeis insignificantes que escolhia porque eram os mais socegados. Principalmente quando brincavamos de correio. Elle invariavelmente queria ser o porteiro. Eu me aborrecia com aquillo, mas elle, apesar de me querer muito bem, não attendia e continuava firme onde estava. A aventura da neve, antes que me esqueça, terminou em castigo, em casa, mas quem nos levou para casa, conduzindo-nos atravez a tempestade, foi Clark.

Pensou ella um pouco e como lhe perguntasse eu se nunca tivéra ciume delle, quando sua namorada, disse-me ella.

— Apenas uma vez eu me zanguei com elle por causa de outra menina. Uma noite elle foi a uma festa na Liga Epworth. Quando eu cheguei, estava elle perto da lareira, recostado á mesma, conversando com outra pequena. Era a rivalidade, portanto. Fui para a cozinha e lembro-me que chorei como nunca. Quando voltamos da festa não trocamos uma palavra siquer. Perdoei, no emtanto, porque depois disso jamais o tornei a encontrar conversando com outra pequena. E elle era razoavelmente acanhado quando perto de alguma dellas. O nome dessa pequena é interessante saber, por certo. Eu comprehendo o que é a funcção do jornalista... Ella se chamava Daphne Reed e vive hoje em Steubenville, não muito longe daqui. Ella foi minha unica rival.

Durante dez annos fomos juntos ao collegio. Acho que a razão principal delle me estimar assim, era ser eu a boa collega delle que sempre procurei ser. Quando chegou aos quinze annos, deixou o collegio.

Elle e Andy Means foram juntos para Akron afim de lá conseguirem emprego. Quando elle voltou, procurou-me assim que chegou. Mas ficou muito encabulado, quando me viu e poz-se a gaguejar e gaguejou tanto que eu não deixei de rir e mamãe tambem. Posso dizer uma cousa, hoje que o vejo apenas em Films. Elle é absolutamente natural, nos mesmos. E' o mesmo Clark Gable que eu namorei e que eu conheci em Cadiz.

Ha tres annos, mais ou menos, esteve elle aqui para me ver. Antes de ir para California, creio. Guiava um carro novo e parecia millionario. Fomos juntos no seu carro visitar nossa ex-professora, Miss Fannie Thompson, seus tios e varias outras pessoas até Hopedale.

Hoje não recebo cartas suas, não. Apenas Miss Fannie, a professora é que recebe. Ella é a unica que sempre tem noticias delle e dadas por elle mesmo. Acho-a uma felizarda...

Depois tomamos o carro e fomos visitar Andy Means.

Pelo caminho, a senhora Sharpe indicava-me os logares.

— Aqui começavamos nossos passeios aos domingos. Ali é que colhiamos os lyrios que levavamos para casa. Lá em cima daquelle morro é que levamos aquelle trambolhão naquella noite de tempestade.

E assim por diante. Paramos diante de uma casa toda branca e pequenina. Nessa casa humilde vive Fannie Thompson. Sente-se tão orgulhosa dor ter sido a professora de Clark Gable, quanto se sentiria se o tivesse sido do proprio Presidente da Republica.

— Clark sempre foi meu alumno predilecto e era um menino admiravel. E não mudou nada, garanto-lhe!

Depois foi buscar aquillo que chama de seu maior thezouro: — uma photographia autographada de Clark, já famoso, para ella.

— Vê aquelle violão?

Perguntou ella' apontado-me o instrumento.

— Foi com elle que consegui formar a banda da cidade que tinha em Clark o principal elemento. Acho que foi aquelle violão que nelle despertou o desejo de ser artista. Eu o tocava e os pequenos cantavam. Mais tarde Clark Gable aprendeu a tocar pistão. Elle era um esplendido rapaz. Pergunte a Andy Means quem elle era e como jogava **baseball.**

E seguimos dali para a casa de Andy Means, o tão falado e famoso Andy Means.

Um fogo de madeira crepitava na lareira. Numa cadeira estava sentado Charlies Miller, que Clark Gable sempre estimou como a um pae. A senhora Miller, uma verdadeira mãe, para Clark Gable, sahiu ao nosso encontro da cozinha, onde estava preparando o jantar.

— **Baseball?** Clark Gable jogar **baseball?** Pois saiba que elle foi, na sua posição, o melhor jogador que já tivemos aqui em Hopedale.

(Termina no fim do numero).

Wynne Gibson

OS
SEUS
ULTIMOS
VESTIDOS...

Clara Bow

LUPITA
TOVAR

WARREN
WILLIAM

Da Allemanha...

LILLIAN E O SEU MARIDO WILLY FRITSCH

ULTIMAS "POSES" DE LILLIAN HARVEY

Edward G. Robinson em "Tiger Shark", vendo-se o nosso amigo Henry da Silva.

Leslie Howard e Norma em "Smilin Through".

FUTURAS ESTRÉAS

(ALGUNS FILMS VISTOS POR GILBERTO SOUTO EM HOLLYWOOD)

AS YOU DESIRE ME (M. G. M.) — O ultimo trabalho da grande "estrella", Greta Garbo, para a Metro é, na minha opinião, um dos seus melhores desempenhos. O Film, baseado numa peça admiravel e muito literaria de Pirandello, não é para ser comprehendido pelas platéas populares, mas sim por um publico fino e escolhido. Greta Garbo está mais do que nunca interessante, fascinando com sua belleza exquisita e as suas esplendidas qualidades de artista. O dialogo é bonito, a idéa do Film admiravel — o resto do elenco bom, se bem que achasse o meu sempre admirado e esplendido Von Stroheim, um pouco exaggerado. Melvyn Douglas, no galã vae bem e Owen Moore, sempre com os seus modos e gestos, é uma figura que a gente revê com prazer. Vejam, entretanto e os que sabem sentir e comprehender a historia e a alma daquella mulher gostarão immenso.

KLONDIKE (Monogram Pictures) — Um elenco bom, com nomes conhecidos e admirados pelos velhos "fans". Thelma Todd, Jason Robards, Henry B. Walthall, Tully Marshall, Pat O'Malley, Priscilla Dean, Myrtle Stedman e o novo galã, Lyle Talhott. Phil Rosen dirigiu e o Film, interessa, offerecendo, principalmente, o seu maior agrado pelo desempenho de Lyle e Thelma. Esta, em muitas scenas, está irresistivel, encantando com sua naturalidade e sua belleza. Lyle Talbott é um novo elemento que surge e, cedido pela Warner Bros, apparece no seu maior papel. Film produzido nos Studios de Trem Carr e feito sob a super-visão deste ultimo. O famoso aviador, Capitão Frank Hawks toma parte num curto papel.

WESTWARD PASSAGE (R. K. O.) — Lawrence Olivier é um artista que, até agora, eu achava regular. Depois que vi este Film, mudei minha opinião: Elle offerece um desempenho tão bom e tão natural que a gente fica á espera de novas opportunidades como esta. Lawrance vive um escriptor, cheio de ardor, enthusiasmo, vivacidade. E' um verdadeiro bohemio. O seu papel, de principio ao fim do Film, é interessante, prendendo a attenção da platéa e deixando-a triste quando o ultimo "fade-out" surge na tela. Lawrance Olivier deve continuar a nos dar desempenhos como este. Ao seu lado, Ann Harding pouco tem a fazer, mas, excellente artista como é, sempre agrada e satisfaz.

O Film é montado com muito luxo e dirigido com habilidade, tendo momentos tão humanos e tão felizes que o aconselho a todos que o vejam. Apreciem e depois digam se Lawrence Olivier não merece ficar no Cinema, para sempre...

MME. RACKTEER (Paramount) — Essa velha extraordinaria, Alison Skipworth, uma das caracteristicas mais interessantes do Cinema, tem a sua primeira grande opportunidade nesta comedia. A Paramount tem grandes planos para ella e Alison é um nome que vae ficar. George Raft apparece ao seu lado num papel pequeno, mas assim mesmo elle mostra que tem qualidades para triumphar, muito breve. Richard Bennett apparece tambem, mas as honras do Film vão para a velha Alison. Os dialogos são engraçados e o Film tem optimos momentos comicos. George Breeden e Evalyn Knapp tomam parte.

SMILIN THROUGH (M. G. M.) — Recordam-se de "Morrer Sorrindo", aquelle exito notavel da carreira de Norma Talmadge? Pois a Metro Filmou a mesma historia, entregando o mesmo papel a Norma Shearer E que artista poderia fazer melhor do que ella esse papel? Quem poderia revivel-o com mais perfeição e mais belleza? Norma consegue outra grande victoria para a sua carreira, onde até agora ella só tem encontrado successos. Jogando com admiravel perfeição, naturalidade e muito sentimento os seus dois papeis — um, a deliciosa e linda noivinha do seculo XIX e outro a "Kathleen", dos nossos dias, Norma Shearer mantem o seu nome de grande artista. Ella está simplesmente encantadora, dramatica em seus momentos mais bellos, ingenua, "coquette", sentimental, romantica. E' toda uma escala de sentimentos que ella representa deante da camera, guiada pela mão segura de Sidney Franklin. Não quero fazer comparações com o velho trabalho. Esta versão falada differe e com uma parte moderna desenvolvida. Mas, vae ser outro grande successo para Norma Shearer. Ao seu lado, Leslie Howard vae bem. Elle póde não ser muito apreciado, mas o seu desempenho aqui é bom, realmente perfeito.

Frederic March, emprestado pela Paramount, está, como nunca, natural e esplendido. O Film offerece material em abundancia para agradar a todas as platéas — desde a mais culta á mais popular. Na sessão especial, dada no Studio da Metro Goldwyn-Mayer, a que "Cinearte" foi convidado, vi muitos olhos cheios de lagrimas...

O. P. Heggie, Ralph Forbes, Beryl Mercer e Margared Selddon completam o elenco. O Film, quanto á sua direcção e scenario, é tambem cheio de episodios esplendidos e muitos detalhes humanos e pequeninos nadas que o tornam ainda mais curioso e agradavel. Gostei immenso — e todos vão gostar, principalmente pelo desempenho de Norma Shearer. Quando é que a Metro e esta "estrella" se vão cansar de nos dar Films e desempenhos tão extraordinarios?

THE PHANTOM PRESIDENT (Paramount) — Aqui está uma satyra politica admiravel, repleta de bom humor, mas que, possivelmente, nos paizes estrangeiros não offerecerá tanto motivo para gargalhadas como está succedendo, aqui, nos Estados Unidos. O Film todo elle aborda as campanhas presidenciaes, ridicularizando politicos conhecidos e methodos americanos. Ha muita côr local, em toda a historia, mas, pondo de parte tudo isto, ha ainda muita coisa impagavel, realmente engraçada que poderá agradar a qualquer platéa. O Film offerece o primeiro "talkie" de George M. Cohan, productor theatral, escriptor, autor de musicas e canções, dansarino, sapateador, artista — emfim uma personalidade famosa nos palcos americanos, ha muitas decadas. Elle faz dois papeis e com muita habilidade, se bem que, em determinados momentos, não se sinta completamente á vontade deante da camera. Mas, sabem qual é a surpresa maior do Film? Jimmy Durante. Elle rouba o Film escandalosamente de Cohan e dos outros interpretes. A sua leitura da plataforma politica deante do microphone de uma estação de radio é simplesmente colossal. O salão do Studio, na noite da "preview", vinha abaixo com tantas e tão escandalosas gargalhadas.

Eis uma comedia, com musica, conções e uma serie de liberdades que a gente perdôa, porque fazem rir a mais não poder. Procurem ver que o trabalho de Jimmy Durante compensará todos os sacrificios... Claudette Colbert é o interesse amoroso — George Barbier, Sidney Toler, Jameson Thomas, Louise Mac Intosh outros interpretes. Ha "trucs" de camera que muito recommendam o photographo, David Abel.

TIGER SHARK (Warner Bros.) — A Warner-First National póde, desde já, preparar-se para chamar muito publico com este Film. Elle é esplendido, cheio de acção, com momentos de drama, comedia, romance e um elenco homogeneo, perfeito, onde se salienta o desempenho dessa grande figura, Edward G. Robinson. Mas, ahi no Brasil, o Film fará successo dobrado. Robinson encarna a figura de um pescador portuguez de San Diego, localidade onde vivem innumeros lusitanos. A sua caracterização é perfeita e aquelle seu bigode é o que ha de mais notavel! Robinson diz as seguintes phrases em portuguez — "Raios os partam... — "Filhos do Diabo... "Corja Maldita". Pronuncia *vinho* e, na scena da ceremonia do casamento, o padre — aliás um portuguez authentico, o padre Manoel Vicente, da cidadezinha de Artesia, pronuncia um pequeno sermão em portuguez que póde ser comprehendido por todos. A Warner procurou todos os meios para dar ao Film côr e actualidade. Henry da Silva, portuguez que, ha muitos annos, trabalha e mFilms, serviu de technico, ensinando a Robinson pronuncia e ajudando ao director Howard Hawks em muita coisa. Na sequencia da festa do casamento, Henry da Silva conta uma anecdota em portuguez — ha musicas e canções tambem portuguezas.

Portanto, o Film reune elementos admiraveis para um successo, no Brasil — exito que o Film bem merece pelo que de interessante proporciona. Zita Johan é a nova "estrella" que surge. Ella é um typo que agrada. Ao seu lado está Richard Arlen, num papel esplendido. Photographia maravilhosa e detalhes da pesca do "tuna fish" que dão ás sequencias authenticidade.

Não deixem de ver, pois gostarão immenso. A Warner Bros. está de parabens, com este Film ella encherá os Cinemas com muito publico.

MADISON SQUARE GARDEN (Paramount) — Film produzido por Charles R. Rogers para o programma da Paramount e outro trabalho de valor, com muita acção, bastante comedia e um final todo elle movimentado. Jack Oakie nos dá uma "performance", acima do vulgar.

Elle verá a sua popularidade augmentar ainda mais, depois da exhibição deste Film. Elle é metade do interesse. Assumpto de "boxeurs", mas feito de um modo tão habilidoso e com tantos artistas bons que agrada da primeira á ultima scena.

William Collier Senior, admiravel — Thomas Meighan, Warren Hymer, Marian Nixon, Noel Francis, Lew Cody, William Boyd, do theatro, Tom Kennedy, e Sazu Pitts completam o elenco.

Zasu pouco tem a fazer, mas, assim mesmo, faz rir.

Sari Maritza, novo explosivo da Paramount

(*De GILBERTO SOUTO, representante de "Cinearte" em Hollywood*)

PODE escrever que protestei quando me quizeram lançar como Lon Chaney Junior!", foram as primeiras palavras que Creighton Chaney, filho do saudoso artista me disse, no dia em que o entrevistei, tendo por ambiente a sua luxuosa limousine... Hoje, pela primeira vez, os Studios da Radio R. K. O servem de scenario a mais uma entrevista minha. Já tenho visitado muitas vezes aquella cidade immensa que faz muros com os Studios da Paramount. Um dos melhores Studios de Hollywood, onde se alinham uma infinidade de edificios, palcos de Filmagem, laboratorios, camarins e o restaurante, um ambiente agradavel, e que, ao meio dia, se vê invadido pelas estrellas e pelos astros queridos.

Naquelle dia, emquanto esperava a chegada de Creighton Chaney pude ver figuras minhas conhecidas de longa data.

E se vocês estivessem ao meu lado, as teriam reconhecido immediatamente... pois quem poderia enganar-se ao ver o sympathico Richard Dix... Lá vem elle fumando o seu cigarro e trajando com um apuro, digno de menção especial. Vi logo que elle estava de visita ao Studio, naquella tarde. Em geral, os artistas quando trabalham usam roupas commodas — uma simples "sweater", camisa aberta ao peito, calas de flanella, quando não apparecem com aquelle traje engraçado de jogar "golf"...

Richard, amigo velho, idolo dos meus tempos de collegio, é bem o mesmo interprete de seus Films. Forte, corado, robusto. Respira saude por todos os poros e o seu sorriso é ainda mais natural e mais amigo, em pessoa do que na tela. Elle, o heróe admiravel de "Cimarron" — acabou, recentemente "Os Conquistadores" para a Radio, ao lado dessa não menos famosa e grande "estrella", Ann Harding. Mas, a parada é grande. O desfile não cança... gente de nome, famosa, elegante...

Não se impacientem, queridos leitores. A entrevista segue, dentro de cinco minutos — tal qual nos velhos tempos do Cinema Silencioso — onde no fim de cada parte apparecia na tela este letreiro... Mas, não posso deixar de retratar todos os motivos que cercaram a minha palestra com Creighton Chaney.

Por isso — a parada continua... Agora, vem Leslie Roward, que voltou a Hollywood, depois de ter ido embora para Broadway e o palco — que elle tanto estima, zangado com os Films, os methodos dos Studios e a industria do celluloide.

Elle foi embora, desgostoso com os papeis que lhe haviam dado, mas agora voltou e o seu papel ao lado de Norma Shearer em "Morrer Sorrindo" é tão lindo, tão bem desempenhado que, creio, elle não mais abandonará Hollywood. Leslie usa oculos de tartaruga, que dão ao seu rosto um aspecto bastante differente do que elle mostra nos Films. Seu andar é sereno e, naquella tarde, acredito em que estava contente. Ia assobiando e prompto para entrar em acção, num dos palcos, apparecendo junto á Ann Harding em "Animal Kingdon", adaptado da mesma peça theatral, onde, dizem, Leslie era formidavel no palco, em New York.

Aquelle "robe" de seda vermelha era, entretanto, um contraste chocante com o seu traje de casaca... Mas, Leslie passa e se encaminha para o palco!

Ainda o pude ver gaguejar... E' preciso dizer que Rosco Atos tambem estava pelo Studio naquella tarde? Não — quem gagueja é elle — mas era pura brincadeira... Rosco, fóra do Cinema, não é "tatibitate!"

Mitzi Green, de cabellos louros — quasi esbarra em mim e que cachorro immenso ella leva pela correia Ella e o cachorro apparecem em uma serie de Films curtos, intitulados "Poor Orphan Annie". Os seus modos são de uma mocinha — Mitsi é a garota mais intelligente e mais admiravel que o Cinema já teve. A Radio está contente de tel-a sob contracto... e vocês tambem, não é?

Só vi a sua silhueta elegante e cheia de encanto! Mas como é linda Constance Bennett. Estou conquistado, definitivamente. Eu não a apreciava muito nos Films mas, depois que a vi, na noite do Cocoanut Grove — fiquei dominado, completamente. Ella é a estrella mais elegante, mais senhora de "charme" de toda Hollywood!

E que inveja que o Marquis causa a tanta gente.... Felizardo, esposo de uma artista tão linda, tão elegante... Que modos finos... mas a sua silhueta se some numa alameda do Studio e... com ella, numa "fusão", vejo outra surgir deante de mim.

Creighton Chaney me apertava a mão, e me dizia logo a primeira phrase que serviu para iniciar esta minha chronica despretenciosa. Creighton é um rapagão de vinte e seis annos. Alto, bem mais alto do que o pae, mas em seus traços, se prestarmos bem attenção, fomos encontrar linhas e caracteristicos que o famoso Lon mostrava tambem.

"Fiz questão de usar o meu proprio nome. Não quero viver á custa da gloria e do prestigio que o nome de meu pae possuia. Sou seu filho, creio mesmo que se assim não fosse não me haviam dado este contracto de cinco annos, mas, se tiver que alcançar nome e fama, quero fazel-o com meus proprios meritos.

Elle foi um grande artista e um amigo esplendido. Um homem, cujo coração era feito de ouro, mas que não me deixou abraçar o Cinema, emquanto foi vivo. Uma vez, expuzlhe meu desejo... elle não concordou e disse-me: "Meu filho — um Chaney é sufficiente, no Cinema Você trate de ser alguem em outra coisa qualquer — sentirei muito mais orgulho se o vir triumphar em qualquer outro ramo de actividade do que no Cinema.

Nunca mais falamos neste assumpto. Recentemente, tentei os Films, seguindo uma inclinação que sinto em mim, desde menino. Acceitaram-me, deram-me um contra-

As suas luctas com Charles Starrett...

cto e aqui estou eu, prompto para seguir a minha nova carreira.

"Que genero prefere?" — pergunto-lhe eu:

"O sr. sabe jogar "golf?" — indaga elle, com grande surpresa minha.

"Não..." — respondeu-lhe.

"Pois o Cinema é como o "golf". Ninguem póde tornar-se um jogador bom e perfeito sem estudar, sem tomar licções. Eu, a primeira vez, tentei jogar e sahi bem, mas no fim de dois mezes, comecei a errar, peorava e, em vez de progredir, cada vez errava mais... Fui então tomar licções. Pensei que pudesse sózinho aprender, confiando em mim mesmo. Puro engano! Pois, o Cinema é a mesma coisa. Quero aprender, ir de vagar — estudando, vendo, sentindo. Eu nada entendo de Films, nem de arte. Esta gente que está a testa do Studio conhece o negocio. Elles é que me dirão o que devo fazer. Nelles confio, portanto. Seguirei o què me disserem, aprenderei, obedecerei — e, assim, tomando licções, poderei a vir a ser um artista."

A conversa de Creighton Chaney é, realmente, interessante. Elle não fala muito, dizendo-me mesmo que é um pessimo conversador. Mas, sentados, dentro da sua luxuosa limousine, palestramos por mais de meia-hora.

O "Cinearte" é folheado por elle. Numa das paginas, está um retrato de Rex Bell, o que o obriga a dizer: "Meu velho amigo. Andamos juntos no collegio, e agora estamos no mesmo jogo... o Cinema!

NEY...

Elle tem palavras de elogio pela revista de vocês, caros leitores. Sinceras são as suas palavras e ellas são como que o éco de outras que tenho ouvido dos artistas e de directores. Ficam espantados de que temos uma revista tão boa — pois elles, em geral, possuem poucos conhecimentos do nosso progresso e das nossas actividades. O Brasil, e o que ellè trabalha e produz pouco é conhecido desta gente...

O seu sport preferido é luta romana! Sabiam?

To the readers of Cinearte
Sincerely
Creighton Chaney

Elle perguntou-me se eu praticava esse *sport*... Sorri e disse que não! Imaginem, o pobre representante de "Cinearte" mettido a lutador romano! Só para "gag" de comedia! Eu, por emquanto, ainda não mostrei vontade de suicidar-me...

Elle é mesmo um sportman de facto. Foi professor de luta romana e, nos seus momentos de folga, gosta de um encontro com Charles Starret, esse artista da Paramount. Ainda não sei quem vence — mas pelo physico de ambos, acredito que Chaney é o campeão.

"E' um grande sport, diz elle. Desenvolve todos os musculos e — tambem o cerebro. Pede muito tacto e esperteza..." Aqui ficam portanto os conselhos de Creighton para os que se dedicam á luta romana.

"Que Films tem feito?"

"Appareci em "Bird of Pardise", num papel simples, sem importancia alguma. Uma parte, apenas, para que eu ficasse mais pratico com a camara e seus angulos. E' preciso aprender, cada dia que passa. Faz-se necessario o contacto com a camera, com os trucs; o Cinema reclama estudos diarios e gosto, portanto, de ir ver Films. Nelles aprendo, vejo, comprehendo melhor."

.PARA OS LEITORES DE "CINEARTE".

Vou ter uma parte em "The Last Frontier", uma serie e, a seguir devo tomar o segundo logar masculino ao lado de Bill Eoyd, em um Film que focaliza a vida dcs "stunt men".

Por "stunt man", na linguagem de Cinema, é conhecido o cavalheiro que faz coisas incriveis e destemidas. Como, por exemplo, tomar o logar do artista e despencar pelas escadas abaixo. Saltar de um telhado — pular á frente de um auto, derrapar pelas ribanceiras — no que elles arriscam a propria vida, sahem machucados e — quantas vezes, direitinho para o necroterio!

Pois, o novo Film de Chaney será nesse genero, explorando a vida de um "stunt man" — que, naturalmente, requererá a presença e o uso de alguns delles...

Creighton Chaney é casado, e tem dois filhos Esteve, antes de tentar o Cinema, no commercio, sendo proprietario de uma casa de electricidade e bombeiro. Agora, imaginem, vocês, que differença — deixar o commercio pelo Cinema. Mas, Neil Hamilton tambem já foi commerciante e — provou que conhece "negocio", pois sob prosperar. Talvez que com o filho de Lon Chaney venha a succeder o mesmo.

Elle me dizia — "Não tenho pressa de subir e apparecer. Quanto mais se sóbe, mas depressa se vem para baixo. Tenho calma. Ha muito tempo ainda para attingir papeis melhores. São cinco annos de contracto e nesse tempo, poderei ainda fazer muito... ou nada!

(*Termina no fim do numero*)

IM TULLY, escreveu este artigo sobre Boris Karloff. O que Jim Tully escreve é invariavelmente differente, intelligente, bem feito. E a figura que elle escolheu esta vez para analyzar é tão actual, tão conhecida do publico, depois do celebre FRANKENSTEIN, que interessará duplamente aos leitores.

—oOo—

Tendo attingido na luta pela vida o cume mais alto, Boris Karloff é, em Hollywood o mesmo homem que seria em qualquer parte do mundo, depois de tanto soffrimento: — bondoso, suave e triste.

A luta deixou-o confundido, tonto, como se fosse um cégo que depois de muitos annos recuperasse o poder feliz de novamente olhar o sol. Depois de longos e exhaustivos mergulhos em aguas amargas, tristes, elle tornou-se tolerante demais para ainda ter forças e reagir vingativamente. Vê com clareza sufficiente á futilidade de todas as cousas humanas e bem por isso a si proprio não leva muito a sério.

Tem a apparencia de um rajah. Seus olhos são sonhadores, arruinados, tragicos, olhos de um homem que muito soffreu. Têm-no como descendente de russo-inglezes. O sangue russo, no emtanto, vem de muito longe. O nome Boris Karloff, por exemplo, foi tirado de um de seus antepassados. Seu verdadeiro nome é Pratt.

Elle não parece afinar muito bem com o mundo materialista. Ouso dizer, depois de ter observado detidamente, que elle sente difficuldade em manter equilibrada sua vida de natureza sonhadora e poetica com o rythmo da moderna existencia.

ALIÁS O

Immensamente polido, tambem é, comtudo, *aloof*. Ha uma rosa, em sua alma, que o secco e cortante vento de Hollwood ainda não tocou. Mais de dez annos em miseraveis companhias ambulantes que viajavam pelo Canadá todo e pelos sertões americanos, teriam feito de qualquer desses felizes e bonitos galãs de Hollywood um artista. A Boris Karloff esses annos fizeram-no um grande artista, um elemento invulgar de classe distincta.

A primeira vez que elle chamou a attenção do mundo todo, foi interpretando o papel de monstro em FRANKENSTEIN. Era uma historia desenvolvida da idéa que nascéra no cerebro de uma mulher genial, hoje fallecida ha mais de oitenta annos (Mary Shelley). Apesar da idéa ter sido utilizada varias vezes e nas mais variadas fórmas, conservou-se provocante, nova, admiravel atravez o desempenho magistral de Boris Karloff.

Educado no collegio King, em Londres, Inglaterra, Karloff deixou o paiz pela primeira vez em 1909.

Seus irmãos todos tem estado em serviço consular. Aborreceram-se immediatamente com elle quando souberam que elle queria seguir uma carreira differente e incerta.

Elle lera como varios outros, mas com attenção differente, que os homens americanos vestiam-se de fórma differente. Resolveu ir tambem provar essa "roupa" e embarcou. Chegou ao Canadá, para onde inicialmente dirigiu-se e apresentou-se ao fazendeiro para o qual devia trabalhar. Grotesco como em FRANKENSTEIN, naquelle chapelão e com esporas immensas, esporas que, jamais, tinham tocado um animal, Karloff não entendeu logo porque é que se ria delle o proprietario.

Duas semanas depois ambos se queriam ver pelas costas com tamanho ardor que nem siquer um "até logo" disseram na hora da separação... Karloff, semi-desilludido, voltou para a Inglaterra com os primeiros quinze "dollars" que ganhára e lá chegou a tempo de receber uma pequena herança.

Lá ficou uma semana e, depois, tornou ao Canadá. Depois de uma viagem longa e exhaustiva de Montreal a Vancouver tinha, de seus, apenas quarenta centavos. Vagueando pelas ruas, encontrou-se elle com um homem que fôra collega de collegio de um irmão seu. Deu-lhe esse homem conselhos communs sobre a melhor maneira de vencer, na vida. Esses conselhos valeram tanto, que apenas vinte e tantos annos depois conseguiu elle a victoria tão almejada em Hollywood...

Justiça se faça a esse homem. Elle não era apenas um conselheiro. Apresentou Boris a uma agencia de empregos que lhe deu trabalho como operario commum a 28 centavos horarios. E elle começou a trabalhar quatorze horas por dia. Durante tres mezes elle cortou arvores a machado, carregou trilhos para a construcção de uma estrada de ferro e fez outros tantos serviços igualmente violentos. Quiz subir no officio e procurou o meio de ser chefe de serviço. Trazia a honestidade estampada nos olhos e por isso mesmo teve que desistir completamente desanimado. E seu proximo serviço foi carregar pesados fardos para uma determinada Companhia, serviço que requeria grande esforço e rendendo um pagamento quasi miseravel.

collegio, e bem o mesmo interprete de seus Films.

Já desencorajado, leu elle um annuncio que pedia um artista para uma determinada Companhia. Foi para a cidade, perseguiu o empresario até conseguir o emprego.

Seu salario era de trinta "dollars" por semana, para começar. Depois de o ver representar nas duas semanas seguintes, o empresario reduziu seus vencimentos para vinte e cinco e começou a ficar "esquecido" dos dias de pagamento.

Karloff ficou com esta Companhia por dois annos, representando em dramas, comedias e farças, em tendas, palcos, circos ou o que houvesse. Numa noite era elle guerreiro romano, para, na noite seguinte, ser *chauffeur* de taxi.

Desfez-se a Companhia, depois desse periodo. Já sendo artista, entrou elle para mais uma especialidade do officio: — ficou num instante fallido. Para peorar ainda mais sua situação, suas malas foram perdidas ou furtadas, nunca elle soube ao certo. Um caixeiro viajante, compadecendo-se da sorte delle, dessa fórma desprevenido e ainda em pleno inverno, deu-lhe um par de sapatos de abotoar, duas gravatas, um terno surrado e uma camisa já meio cá, meio lá. Foi num "futuro" desses que o futuro monstro do FRANKENSTEIN chegou a Regina, Canadá...

Quando elle chegou, pouco tempo passado, rompeu um cyclone tremendo sobre a cidade, um desses que destruiram o mais que conseguiram encontrar. Para Karloff, no emtanto, este cyclone foi camarada. Ganhou elle algum dinheiro desobstruindo determinados pontos e auxiliando operarios no serviço de desentulho. Com isso conseguiu ao menos matar a fome. Nas ruinas de um hotel da cidade leu elle um annuncio que lá se achava,

MONSTRO

onde era pedido outra vez um artista para um determinado ponto do paiz. E foi assim que elle foi fazer parte do conjuncto de artistas de Harry St. Clair, em Principe Alberto. De accordo com condições previamente estabelecidas, St. Clair costumava ficar com parte desse dinheiro que era pago a seus artistas. Homem raro como bebida decente, na California, St. Clair era honesto e costumava pagar seus artistas infallivelmente e em bom dinheiro. Karloff representou em cerca de 170 peças sob a bandeira da Companhia de St. Clair. Recebeu elle o pagamento, depois disso, seguiu para Chicago, com o fundo de reserva economizado honestamente nas mãos de St. Clair e lá fundou sua propria Companhia, Companhia essa que pouco tempo depois falliu.

Veiu depois a Grande Guerra. Tentou elle ingressar no exercito britannico. Uma defficiencia cardiaca qualquer, no emtanto, fel-o ingressar novamente para o palco. Um mez depois voltava elle á companhia de St. Clair, em Minot, Dekota Sul. Nessa cidade e pelas redondezas figurou elle em 106 peças differentes e, isto, num periodo de 53 semanas. E as cousas continuaram, assim, repetindo-se, como se fossem os "casos de amor" de uma pequena "extra" de Hollywood...

Quatorze annos atraz elle esteve em Hollywood e conseguiu um pequenino papel de "extra" num Film de Frank Borzage. Depois disso tomou elle parte num papel igualmente pequenino em *Sua Majestade o Americano*, de Douglas Fairbanks. Com trinta "dollars", apenas, entrou elle em nova phase de jejum forçado e quasi fome. Pequenas *chances*, pequenos papeis quebravam a monotonia do pão, agua e café, ás vezes, com algum dinheiro vindo, daqui e dali, de alguma representação ou algum pequenino serviço prestado a este ou aquelle. Depois chegou a epoca dos Films franco-canadenses e como acharam alguns productores que elle tinha typo de franco-canadense, offereceram-lhe, uma semana, quatro papeis. Elle infelizmente só podia acceitar um. Passou a epoca e elle acabou como hindú, em "Omar, o poeta"...

Quando o valle de sua vida ameaçou terminar num pantano, Karloff achou que ser *chauffeur* de caminhão, comendo, era melhor do que ser artista, passando fome. E aos domingos aprendia com um *chauffeur* amigo a arte de manejar um carro.

Pouco tempo depois era elle *chauffeur* e guiava um caminhão que conduzia cimento.

Quando Bert Lytell começou a figurar em *Thaméa*, o patrão de Karloff deu-lhe duas semanas de folga. Karloff seguiu com a Companhia, em locação. O tempo foi além da licença e seu patrão foi forçado a collocar outro em seu logar.

Com cento e oitenta "dollars", Karloff, dessa fórma voltou aos Films, mais uma vez.

E voltaram os dias aziagos. O dinheiro desappareceu, de novo. Fazia papeis de "extra" a cinco "dollars" diarios. E algumas cousas começaram então a acontecer. John Barrymore escolheu-o para um pequeno papel num Film seu. Um papel com Richard Dix, depois e, a seguir, outro com Wheeler e Woolsey e mais uma vez outro com Richard Dix. Passou elle a circular pelos Studios todos, fazendo-os um a um a receber ordenados pequeninos aqui e ali e vivendo um pouco melhor, afinal de contas. Alfred E. Green, o director que ha vinte e um annos atraz tambem era lavador de garrafas, numa cervejaria, deu-lhe um pequeno papel em *As mulheres enganam sempre*, que estava então dirigindo com Edward G. Robinson. A impressão foi pequena. Trabalhando vigorosamente, sem cessar, elle não perdia a fé, mas o seu instante não chegára ainda. Mas elle já podia andar de cabeça mais em pé e ter mais esperança, na vida, porque as cousas, afinal já lhe sorriam melhor.

Um homem com suas qualidades ficar treze annos em Hollywood a espera de uma opportunidade, é uma cousa que nem se póde nella acreditar. Que elle conduziu caminhões, serviu como operario, carregou pesados fardos, então, parece até impossivel. Mas isto tudo realmente se deu na vida de Boris Karloff.

"Im Ho Tep"

"A casa sinistra"

"Scarface"

"Frankenstein"

Karloff tem aquillo que os irlandezes dizem de um homem quando elle tem as pernas curvas: "não póde cercar leitão no chiqueiro". Elle realmente é assim. Tem pernas curvas e um ligeiro mancar. Por que um homem assim contrariado por tudo, inclusive pela natureza resolvera ser artista? E' cousa que não me cabe responder neste artigo. E' um assumpto vasto demais.

Além de ter isso contra elle, prejudicando-o ainda mais. Boris Karloff é acanhado e calado. Sempre dá a impressão de mysterio, é certo, mas não póde ser rapidamente comprehendido pelos seus collegas e companheiros. E' talvez por isso que elle tenha soffrido na vida. Por não ter tido nunca a coragem de gritar contra o infortunio.

Fazendo o papel de um conjuncto de corpos desmembrados, em *Frankenstein*, elle não dizia uma só palavra durante o Film todo. A impressão de horror que elle devia crear tinha que nascer, portanto, da impressão visual que elle porventura désse. E as suas expressões de temor, innocencia, odio e força monumental até hoje não podem ser esquecidos. Elle é realmente um grande artista.

Ha, em Boris Karloff, uma crença enorme na especie humana e na sua bondade, apesar de tudo e isso ainda o torna mais pathetico e admiravel.

Depois do seu successo em FRANKENSTEIN, fez elle a sua viagem de lua de mel. Era a primeira féria que elle tinha em toda sua vida e, principalmente, uma féria sem preoccupações de dinheiro. Mal estava elle installado no Hotel em companhia de sua encantadora esposa, isto em San Francisco, quando a campainha do telephone tocou.

Um cavalheiro falando com accento judeu interpellava-o. Elle era dono de um theatro da cidade e transmittia-lhe a vontade da Universal, Companhia á qual Boris estava ligado por contracto, de que elle apparecesse no palco desse mesmo theatro, pessoalmente, para augmentar o exito da exhibição, ali, de FRANKENSTEIN. Fez elle diariamente, durante uma semana, a viagem do Hotel ao Cinema, apparecendo consoante desejo da Universal, no palco do referido Cinema, dando um lucro immenso ao seu proprietario, pois isso augmentava extraordinariamente a platéa e, quando terminou e voltou a Hollywood, soube que tudo fôra feito por conta do proprietario do Cinema, porque a Universal nem siquer sabia disso e nem ordenára cousa alguma... E isso apenas fizera uma cousa: — estragára a lua de mel de Boris Karloff.

Durante essa série de apparições pessoaes, a senhora Karloff acompanhou o marido algumas vezes. Ella soffria o vexame de ser olhada com piedade por todos, depois de assistirem o Film, porque todo mundo achava-a uma infeliz por ser esposa de um tão horrendo monstro...

Dentro da esphera de Karloff, esphera essa bem mais larga do que a visão dos productores, elle é capaz de produzir aquillo que jamais artista algum produziu. Seu papel como falso ministro e reporter immoral de um jornal indigno, em *Sêde de Escandalo*, foi simplesmente soberbo. Elle usava uma apparencia clerical suave para conseguir confissões e depois transcrevia-as cynicamente no jornal ao qual pertencia. Acho, tendo assistido o Film, que jamais vi cousa alguma tão perfeita em materia de canalhice, cynismo e depravação moral.

Seu papel em *Codigo Penal*, quasi "roubou" o Film de Walter Huston, igualmente um grande artista. A scena em que elle enfrenta aquelle trahidor, com a faca em punho, é tão real, tão sincera, que um ex-presidiario, assistindo o Film e falando commigo a respeito de sua impressão, disse-me: — "E' impossivel que esse homem lá não tivesse estado, senhor! Elle é perfeito, no mais

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

Esta série de scenas de natação terminaria com alguns mergulhos attrahentes, executados pelos melhores athletas aquaticos do rancho

As camaras de amadores estão, cada vez, se generalizando mais, dentro daquella lista de accessorios e apparelhos que fazem parte do material necessario turista.

Hoje em dia, a quem vae passar alguns dias na fazenda de um parente ou de um amigo, uma camara de amadores seria tão indispensavel quanto um "sweater" ou um costume de brim branco. Cada dia apparecem mais Amadores, contando os interessantes resultados que elles proprios têm obtido, com a Filmagem de metros e metros de peliculas no campo, ao lado de amigos e gente da sua familia, maravilhados com os Films conseguidos... As fazendas e os sitios do interior fornecem, actualmente, ás Cinemathecas, um supplemento para o catalogo de Films, o qual representa, muitas vezes, a summula de annos e annos de esforços incalculaveis. E o emprego da camara não fica, muitas vezes, limitado com logares de um estado limitrophe, ou simplesmente vizinho. Nos Estados Unidos, ha proprietarios de ranchos, de fazendas, criadores e plantadores de importancia, os quaes produzem Films sobre os seus negocios, e depois distribuem os seus Films, por intermedio das grandes casas productoras de material para o Amador. E todos esses fazendeiros são accordes em classificarem a propaganda, executada dessa fórma, atravez do Film de Amadores, muito mais efficiente do que a radiopropaganda, ouvida atravez do diffusor ou do alto-falante, pelo radio-Amador. E note-se que todos esses productores incluem nos seus Films qualquer coisa que possa distrahir o espectador, afim de compensar, como no Radio, a monotonia da propaganda.

Muitos dos Films de campo, rancho e fazendas, produzidos este anno nos Estados Unidos, incluiram trechos de propaganda que estão sendo lançados no mercado durante o inverno que presentemente transcorre naquelle paiz. A facilidade de transporte, que offerecem os modernos projectores Cinematographicos para os Amadores, faz disso um meio de propaganda assás convidativo, porém, essa mesma propaganda se torna mais pratica e mais ampla quando ella é indirecta e concludente, evitando todos os subtitulos longos e discursivos em demasia. O Film ideal para ser incluido num programma de Amadores, como trabalho de propaganda, deve apresentar, além dos trechos de simples propaganda, outros trechos, igualmente curtos e simples, de Film de enredo, o qual póde ser Filmado em um dia ou pouco menos, e depois insertado, no trecho de propaganda. Si este é que deve ser a sequencia de scenas mais demoradas, é preferivel cuidar desta em primeiro logar.

Seria impossivel delinear o scenario de um Film que servisse para a propaganda de todos as sortes de fazendas, ranchos e plantações que existem por este mundo afóra. Porém, a synopse que damos a seguir, escripta um tanto ou quanto simplesmente por um Amador dos Estados Unidos, exemplificará a nossa idéa. Si não, vejamos. "Iniciada com um "shot" geral da fazenda, com uma approximação tomada a vista de panorama, transformando-se gradualmente em um "medium shot" e depois, em um plano mais approximado. Depois, um titulo simples e comico, tal como este que aqui vae: "Nas margens floridas do Clear Lake, no Estado de New York" Isto seria seguido por umas vistas das margens do lago, apanhadas de dentro do proprio lago, formando uma sequencia de scenas, cada uma mais proxima da fazenda que procuramos mostrar aos nossos espectadores. Em seguida, um titulo sobre os sports aquaticos, offerecidos aos seus visitantes pela fazenda, sequencia que seria seguida por uma serie de scenas que exemplificassem o thema. Esta serie começaria com os menores de todos os sports aquaticos, "boating", "canoeing", jogos aquaticos offerecidos pela fazenda, e terminariam com vistas geraes de natação e saltos, que terminassem, finalmente, com proezas verdadeiramente attrahentes, realizadas pelos melhores athletas da fazenda. Si incluissemos scenas de instrucção aquatica, ellas poderiam ser insertadas com um titulo apropriado, justamente no inicio da sequencia que apresenta os nadadores da fazenda. Isto apresenta uma opportunidade de se dizer que a mocidade da nossa fazenda está tão bem trenada, que se tivesse que nos ensinar qualquer coisa sobre o assumpto, haveria de nos proporcionar as melhores lições possiveis. Nos trechos do Film que se referem aos sports aquaticos, tres ou quatro scenas apanhadas de angulos differentes, com a acção directamente voltada para a camara.

"Si no rancho ou sitio dos nossos amigos se realizam cursos de natação ou outros sports semelhantes, convem incluir sequencias desses cursos. Em seguida, viriam algumas scenas de base-ball e outros sports campesinos. Não seria preciso Filmar todo o jogo, desde o inicio; bastaria incluir os jogadores, já em acção. A sequencia terminaria com um momento excitante do jogo. O "court" de tennis offerece, igualmente, boas opportunidades para uma serie de scenas. Entretanto, não seria conveniente semear o Film com demasiados sports de campo; deixe-se que algumas sequencias Cinematographicas realmente boas de uns dois ou tres sports representem as vantagens que o rancho offerece aos seus visitantes, e a propaganda do resto deixe-se que seja feita atravez dos subtitulos. Em seguida viria um titulo a respeito da boa hospitalidade que o rancho poderia offerecer aos seus visitantes. O texto do titulo poderia referir-se a factos reaes e patentes para o espectador. A sequencia poderia ser iniciada com um "shot" dos alojamentos, mostrando a entrada, em seguida o interior, e terminando com outra scena exterior. Em todos os "shots" seria conveniente incluir rapazes descansando ou jogando. Neste ponto, poderia apparecer um titulo que se referisse á boa limpeza e á boa ordem reinantes no rancho, o qual seria seguido de algumas scenas mostrando os empregados a limparem e a inspeccionarem os alojamentos.

"A seguir, incluir-se-ia um titulo sobre os cuidados medicos offerecidos pelo rancho, o qual, por sua vez, seria seguido por uma sequencia mostrando o medico a tratar de um dos fazendeiros, enrolando uma atadura na perna que elle tivesse fracturado, supponhamos, em consequencia de uma quéda do cavallo. Em seguida a esta sequencia, poderia vir um titulo que descrevesse a quantidade de vigias do rancho, e algumas scenas mostrando-os a trenarem ou vigiarem os empregados.

"A seguir viria um titulo, tal como este, por exemplo: "Uma cosinha perfeita, com um cardapio simples, porém, bastante satisfactorio". A sequencia seguinte seria iniciada com uma vista exterior do salão de jantar. Mostre-se o cosinheiro tocando o sino, chamando os empregados para o almoço, estes a accorrerem de todos os pontos do rancho, mostre-se o interior do salão de jantar, e a seguir alguns "close-ups" de dois ou tres empregados do rancho, felizes por haver chegado a hora do almoço. Essas scenas poderiam ser seguidas de vistas que mostrassem o perfeito arranjo dos pratos, na cosinha do rancho; e toda a serie de vistas poderia terminar com alguns "shots" addicionaes do salão de jantar, incluindo vistas bem amplas de todos os empregados, a almoçarem nas mesas do rancho.

"Seria importante incluir o periodo de folga, no Film. A's vezes os Films desse genero caceteiam os parentes dos fazendeiros, devido á persistencia da acção. Por isso, seria conveniente incluir um titulo sobre o periodo de folga, e seguil-o de uma sequencia mostrando os empregados a lerem, descansarem ao sol, ou conversarem uns com os outros.

"Quasi todos os ranchos têm sempre um dia especial, de festa ou jogos; não seria conveniente incluir algumas scenas particulares desse dia? Depois viria um subtitulo a respeito desse dia, seguido de uma ou duas scenas, mostrando os empregados chegando ao rancho, para tomarem parte nos jogos, corridas, etc.. E por fim, incluir-se-iam duas ou tres scenas dessas corridas de laço, typicas dos ranchos; e depois um titulo assim: "Que tal? Não é muito mais agradavel do que ficar parado o dia inteiro no interior de um escriptorio?"

"Tanto as scenas quanto os titulos devem se conservar sempre dentro de uma metragem assás conveniente. Semeie-se cada scena de empregados do rancho que mostrem physionomias felizes e saudaveis, e não se deixe que a metragem do Film vá além de 500 pés (1), porém, evite-se que ella seja inferior á metade dessa. No caso de serem necessarias scenas proprias para moças, estas indicar-se-hão por si mesmas, visto que as differenças não poderão ser assim tão grandes como se poderia suppor.

"Esse typo de scenario offereceria ao rancho um efficiente Film de propaganda. Em seguida poder-se-iam juntar alguns Films de enredo que distrahissem os amigos e pa-

(Termina no fim do numero).

Merna

Kennedy

E O SEU PENTEADO EM "LAUGHTER IN HELL", DA UNIVERSAL.

Qual é o

NÃO posso duvidar da historia que se segue. Narrou-a Elissa Landi. Ella não é um temperamento excitavel. Ella é imaginativa, sem duvida, mas absolutamente não é creadora de visões super-naturaes apenas por emoções nervosas. Sob aquelles cabellos loiros existem muitos miolos sãos e ponderados. Ella controla-se e mede-se antes de fazer qualquer cousa, por mais simples que seja, quanto mais para contar uma cousa sobrenatural como contou-me ha dias. Apesar della ter feito ultimamente um Film após outro, para a Fox, ultimo dos quaes foi **A Passport to Hell,** logo em seguida emprestada á Paramount e De Mille, para tomar saliente parte no desempenho de **Sign of the Cross,** apesar disso não é o trabalho excessivo tambem o causador desse seu estado de espirito attribuivel a um cançasso extremo. Mas tambem esta hypothese não precede.

— Não creio em casas mal assombradas.

Foi assim que ella começou nossa conversa.

— Apesar disso, no emtanto, já tive minha experiencia ao lado e proximo de uma casa assim... E uma experiencia sábia que partilhada foi por meu marido. Nós vimos e ouvimos as mesmas cousas. Sobre isto não ha duvida possivel. Uma figura sem cabeça e sem mãos appareceu diante de nós, bem defronte de nossos olhos. Nós a descrevemos, um para o outro, afim de verificarmos se tinha sido realmente assim "aquillo" que tinhamos visto e as descripções, tanto delle como minha, foram absolutamente iguaes. Quando começo por dizer que não creio em casas mal assombradas, absolutamente, com isso, não quero negar a possivel e provavel existencia do sobre-natural, não. O que eu creio é que é um tanto difficil de conciamente explicar. Auxiliem-me se eu por acaso me afastar do assumpto.

O desenvolvimento do radio provou que as ondas sonoras produzidas pela voz humana transmittem-se em torno do mundo todo. Uma ingenuidade mecanica e não é de outra fórma que podemos taxar essa simplicidade que é um apparelho de radio, fez com que possamos calmamente virar um pino e já ter, nos ouvidos, um programma de musica apanhado sem a menor difficuldade na vibração do ether. E um programma que vem de milhares de metros, ás vezes! Este facto extraordinario, estupendo, maravilhoso, já é tão commum, hoje em dia, que não deslumbra a mais ninguem, todo mundo achando-o perfeitamente natural.

Paremos agora um pouco e pensemos no que póde acontecer ás ondas sonoras. Digo-lhe certas palavras e você as ouve. Se eu falar mais forte, serei ouvida nitidamente no commodo vizinho. O que não tenho é força sufficiente para falar e ser ouvida a alguns kilometros de distancia, isso não, a menos que seja minha voz amplificada. Será esse o limite da vibração sonora, ou ella, sahindo de qualquer porto, propaga-se sempre, eternamente, pelo espaço, tornando-se tão fragil, tão insignificante, que ninguem tenha ouvido capaz de a distinguir? Não sabemos e nem nada podemos a respeito positivar. Eis porque nos detemos diante desta interrogação especulativa.

Eu creio piamente que todo som emittido viva eternamente no ether. Não podemos ouvir vozes inintelligiveis sem adequado auxilio mecanico, como tambem não podemos ouvir radio sem ligar um apparelho, ainda que estejamos a dois passos da estação emissôra. Mas acredito piamente que para algum dia do futuro nos está reservada a opportunidade de apanharmos todos os sons ambulantes pelo infinito. Creio e acho perfeitamente cabivel a idéa de mais tarde arranjarem algum apparelho que se assemelhe mais ou menos ao radio, para, com elle, apanharem essas vozes de seculos passados.

Lemos, frequentemente, narrativas de technicos que nos contam o facto sobrenatural de serem apanhadas irradiações musicaes de estações emissôras em fogões de cozinha, fornos e cousas semelhantes. Engenheiros especialistas têm explicações logicas para o phenomeno. Não é plausivel, portanto, que casas chamadas mal assombradas tenham a mesma explicação que têm esses fogões que apanham irradiações? Por motivos e razões por nós ainda não comprehendidos, hoje, casas e outros logares tidos como mal assombrados pódem perfeitamente estar servindo de receptôres para um conjuncto de palavras ou ruidos vindos do passado. Se quizermos avançar ainda um pouco mais e entrar pelo terreno da televizão, apparições de almas do outro mundo pódem perfeitamente encontrar explicação pela mesma theoria. Mas vamos voltar á minha historia phantastica.

Nessa epoca citada eu me achava em Londres, representando a peça **The Constant Nymph.** Johnny e eu estavamos noivos e elle me procurava, invariavelmente, todas as noites depois do espectaculo. Essa noite em questão foi uma noite quente e nós nos decidimos a ir para casa passando antes por alguns descampados para termos um ar livre melhor.

Seguimos Tamisa acima até Richmond na London Road. O caminho ao longo do rio estava repleto de carros e outros vehiculos e encontramos o trafego impedido e difficil por todos os recantos. Dessa fórma, nossa maneira preconcebida de afugentar um pouco o calor perdia totalmente a sua originalidade, porque todo mundo parece que tinha pensado na mesma cousa. Mesmo as ruas transversaes que levavam ao Tamisa achavam-se abarrotadas de conducções e vehiculos á procura do local mais agradavel da cidade.

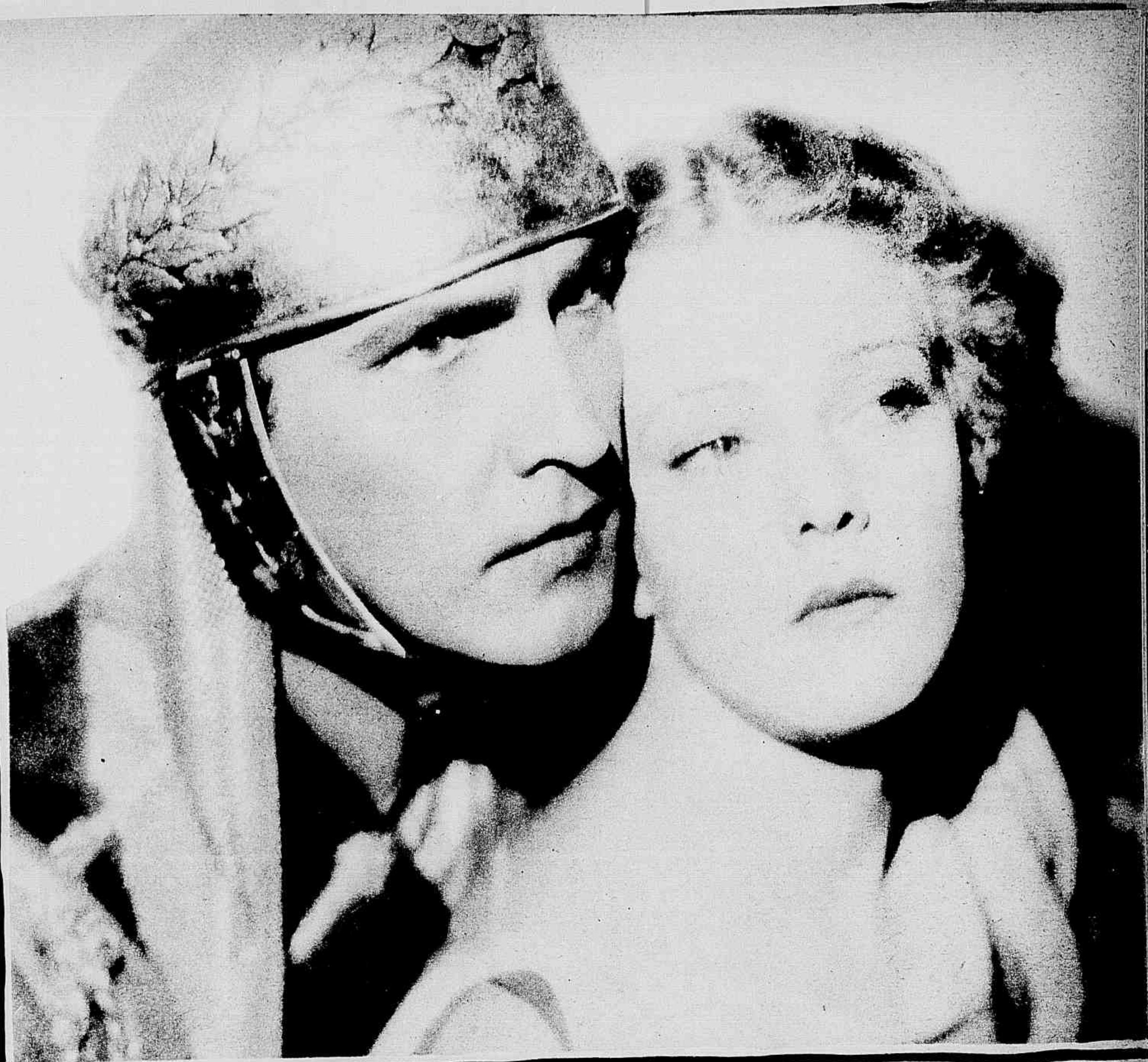
Nosso caminhar fez-se lento. Foi por essa occasião que nos apercebemos de uma alameda absolutamente deserta. Johnny deu volta no volante e num segundo achamo-nos ali, socegados, bem diante de uma casa tão deserta ou apparentemente deserta quanto a alameda.

Sentamo-nos no carro mesmo e ficamos commentando, entre bom humor e philosophia, o caso da nossa procura de refrigeração e a procura da cidade toda em torno da "locação"... Preparavamo-nos para nos retirarmos dali, depois de mais ou menos descançados, quando nos apercebemos de uma tenue luz que illuminou fugazmente o recinto e a seguir ouvimos uma voz que nos disse: — "Não me ouviram chegar até aqui, não é? Não e eu sei que não. Vocês parecem gente boa e não os quero molestar. Mas não permaneçam aqui, sim?" Tornou a cahir a com-

pleta escuridão sobre nós, como se o homem que falára tivesse apagado sua lampada automatica. Mas o luar era dos melhores e nós o pudemos ver melhor, com um raio de prata cahindo sobre o casaco.

"Desculpe-nos se fomos intrusos, senhor guarda." Disse-lhe Johnny. O vulto continuou a falar. Elle pareceu não nos ter ouvido. "Hoje estão vendendo por tres e seis, esta noite!" Disse elle. "Mas deviam ser cinco." "Mas o que é que devia ser cinco?" Perguntou Johnny. "Corpos." Replicou nosso estranho policial. "Lá para os lados de cima do rio, você sabe, não é? Aqui são cinco."

Muito do que elle dizia chegava distinctamente a nós. Mas muito perdia-se na ruminação de um maniaco que elle logo nos parecia ser. Nem Johnny e nem eu o interrompemos mais. Finalmente o homem parou de falar. De repente, rapido como apparecêra, desapparecêra.

Achava-se ali, a dois passos de nós. Subito summiu. Apenas mais tarde é

Elissa e Fredric March em "The Sign of the Cross", da Paramount.

Fantasma de Elissa Landi?

que comprehendemos, pelo logar onde elle se achava, que se elle fosse humano, realmente, não poderia deixar de fazer um grande ruido se atravessasse o arbusto para sumir como sumiu. E nós não ouvimos ruido algum.

Por um segundo achamo-nos impotentes para dizermos o que quer que fosse. Apenas nos olhamos. Depois Johnny murmurou: — "Volte-se devagar e olhe atraz de você. Diga-me depois o que é que viu." Olhei para a direcção que elle me apontava não sem espanto no olhar. Uma grande arvore estava a cerca de dez passos do carro. Seu tronco parecia illuminado internamente e apparentemente aprisionada no interior do mesmo, uma creatura alta, bem alta mesmo e sem cabeça e mãos. Pelas roupas achei que era um corpo de mulher. Descrevi o que vira a Johnny. Elle pediu detalhes e eu os dei. Era fóra de duvida, portanto, que tinhamos visto e ouvido as mesmissimas cousas. Quando falava-mos, a luz apagou-se e cahiu tudo na escuridão anterior. Fôra-se igualmente a lua e o céo continuava sem nuvens...

Johnny não perdeu tempo em pisar a partida e atirar o carro para um local frequentado e illuminado. Quando chegamos á London Road nós já tinhamos de novo o luar sobre nós... O ar tornou-se mais quente. Não gradualmente, ao passo que o carro avançava e, sim, abruptamente. A sensação que tivemos foi a de sahirmos de um frigorifico para entrarmos numa estufa. O ar, em torno daquella casa, era gelado como um esguicho de ether. E não era neblina, positivamente, porque a neblina é uma cousa que se vê e que se distingue.

Nos dias que se seguiram, Johnny fez-me varias perguntas. Perguntou, além disso, varias cousas a amigos e conhecidos, perguntas essas todas ligadas ao mesmo facto sensacional que tinhamos presenciado. Descobriu, assim, que tinhamos estacionado, aquella noite, exactamente defronte da celebre "casa H", notoria por uma serie de assassinatos nella praticados e vastamente tida como mal assombrada. Sendo advogado criminal, Johnny achou de investigar ainda melhor o caso e foi assim que elle tambem averigou que o policial destacado para aquelle posto não estivéra ali naquelle dia e nem naquella hora. O que tinhamos tomado por um soldado, portanto, tinha sido qualquer cousa tambem sobrenatural.

Se nós tivessemos visitado aquelle local sabendo que ali era a celebre "casa H", certamente que teriamos attribuido tudo aquillo ás nossas imaginações. Mas nós de nada sabiamos e por isso mesmo é que nos admiramos do que ouvimos e vimos, exactamente a mesma cousa, conforme constatamos. E naquelle instante, é preciso notar isto, nem entrou em nossa cogitação almas do outro mundo ou cousa semelhante.

Estou convencida hoje, que Johnny e eu ouvimos, aquella noite, vozes de Londres pronunciadas ha varios annos por voz humana. Assistimos a manifestações visiveis de fórmas uma vez, no passado, vivas. Aquillo que presenciamos deve ter sua explicação logica e scientifica, tenho plena certeza disso. A casa é "mal assombrada", porque ficamos commodamente com o dito popular e não procuramos conhecer a verdadeira origem. Mas sabios um dia a revelarão ao mundo, integralmente. Até então qualquer conjectura a respeito será tão boa quanto a anterior.

oooOoooo

Foi isto o que me contou Elissa Landi. Contou-me com uma calma, uma indifferença e uma fé no que dizia que eu não me achei no direito de duvidar e nem siquer de pensar que se tratasse, da parte della, de alguma pilheria de mau gosto. E tenho plena convicção de que tudo quanto ella me disse realmente deu-se e é verdade.

Cinemas e Cinematographistas

O primeiro Cinema existente em Porto Alegre foi o "Recreio Ideal", fundado pelo Snr. Damasceno Ferreira. Tinha 500 poltronas e os preços eram 1$000 e $500... Isso ha 24 annos!

oooOoooo

Araçatuba, no Estado de S. Paulo, tem um novo e confortavel Cinema — o "S. Paulo", que vae ser explorado pela Empresa Cine Noroeste Ltda. O velho "Cine Ideal" já não estava na altura do progresso daquella cidade, que de ha muito fazia jús á uma casa moderna e o "S. Paulo" veiu prehencher esta lacuna. O novo Cinema tem uma lotação de mil pessoas.

oooOoooo

A Universal tem novo director gerente em S. Paulo, o Snr. Edgar Trucco, que estava na matriz do Rio. E em Ribeirão Preto, foi nomeado gerente o Snr. J. Bonnewyn.

Cinema de Amadores

(FIM)

rentes. Seria muito melhor que se realizassem os Films de propaganda, seguindo essa directiva. Todas as historias podem ser Filmadas dentro de dois dias, porém siga-se sempre essa regra: "Inclúa-se sempre um enredo!"

"Eis, por exemplo, um enredo simples mas popular. Dois empregados do rancho têm qualquer inimisade devida a um motivo bastante vulgar. Evitam-se reciprocamente, porém um delles leva uma quéda de um cavallo, e é o outro quem o salva, resultando d'ahi uma amizade sincera.

"Ha enredos semelhantes que poderão se suggerir por si mesmos ao productor, porém é preciso que não se deixe que nenhum dos empregados appareça debaixo de um angulo que não lhe seja favoravel. Todos os scenarios deveriam ser primeiro descriptos, scena por scena, para depois serem então Filmados. E' preciso ter cuidado, igualmente, em variar os "shots", intercallando bastantes "closse ups" entre os planos distantes, afim de se evitar a monotonia.

"Por exemplo, o assumpto refere-se a um parco distante de natação. Isso seria terrivelmente cansativo, se a Filmagem fosse executada desde o principio até o fim. E' preciso variar. Experimente-se o seguinte modelo:

"1. Os nadadores promptos para iniciarem o parco. 2. O publico na praia. 3. O signal de partida. 4. Grande enthusiasmo entre o publico que se acha na praia. 5. O parco, visto de perto. 6. A praia. 7. O pareo. "Close-up" de um dos nadadores esforçando-se por vencer o pareo. 8. A praia novamente. 9. A agua de novo. 10. A praia. Os nadadores estão chegando ao fim da corrida. O enthusiasmo é cada vez maior, entre o publico que assiste ao pareo. 11. Um "shot" dos concurrentes chegando ao final. 12. O vencedor chegando á linha de conclusão. 13. Palmas e salvas dadas pelo publico, na praia.

"Todo esse scenario que ahi se acha levaria metade do tempo necessario para se Filmarem os pareos de natação tão vulgares no commum dos Films de amadores.

"Empregue-se um methodo semelhante e geral para a Filmagem de todos os pareos de natação. Use-se bastante variedade de acção, angulos de camara interessantes, variedade de "shots", porém "jamais nos esqueçamos de seguir um dado enredo, porque, no final das contas, esse é que representa o ponto essencial para o successo de um Film de propaganda, como esse que procurámos realizar".

1.—500 pés inglezes aqui valem a 165 metros.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES

Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE

Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, **70$000**; **6 mezes**, 35$000. — **(Registradas) 1 anno** 85$000 **6 mezes 43$000.**

As assignaturas **começam** **sempre** no dia 1 do **mez em que forem** acceitas **annual ou semestralmente**.

Toda a **correspondencia**, **como** toda **a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.**

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.

GILBERTO SOUTO.

CHANEY

(FIM)

Se não alcançar successo, voltarei ao meu antigo negocio e recomeçarei a vida de novo. Nada me amedronta, na vida. Meu pae ensinou-me a trabalhar e a ter coragem e perseverança de vencer...

Foram as suas derradeiras palavras. Com ellas teci esta ligeira chronica, afim de que os "fans", ao verem, no futuro, Creighton Chaney, na tela — já o tenham ouvido em suas opiniões e seus desejos.

Mas, uma cousa, posso affirmar. Creighton Chaney tem personalidade, um physico admiravel e um rosto que offerece traços varonis que impressionam. Elle deve ter herdado do famoso artista qualidades de representar — tem esta opportunidades e um desejo forte de mostrar que poderá fazer successo. Resta, apenas, mais algum tempo — tempo em que elle estudará, aperfeiçoará os seus conhecimentos e — com certeza, ha de triumphar!

A Radio-R. KO tem planos para elle. Possue optimos directores, optimas historias, um Studio magnifico e, a testa de todas as actividades um homem que conhece o Cinema — David Selznick. Com tudo isso, Creighton Chaney está destinado a vencer... Esperem portanto pelos seus films da Radio... e tratem de conhecer mais uma figura sympathica e distincta. Quanto a mim, Creightan já conquistou — elle possue mais um "fan", um admirador sincero da sua pessoa.

Clive Brook, o gentleman da tela...

(FIM)

é porque se esquecem que soffri muito na guerra, batendo-me pela minha bandeira..."

Pela minha mente, passou esse quadro triste e sombrio da vida de Clive Brook. Os horrores que elle soffreu, durante os sangrentos combates. A sua perda de memoria — vagando pelas ruas de Londres, sem destino, sem mesmo saber o proprio nome, esquecido de tudo, engolfado, apenas, nas scenas tetricas, pavorosas, que não abandonam os que lutaram nos campos de batalha...

Mas, se bem que a nossa palestra era das agradaveis, o photographo já se avizinhava de nós, prompto a bater a chapa. Clive Brook, chega-se para a porta do seu camarim e pergunta-me se ali estava bem.

"Não gosto de tirar retratos dentro deste camarim, elle não é tão bonito assim... "A seguir suggere elle — porque não tiramos uma pôse, bebendo juntos um calice de vinho?"

Agora é o photographo que fala — "Mr. Brook perdôe-me, se interrompo, mas creio, existe uma ordem para não se tirar photos assim...

A phrase do photographo, fazendo Clive Brook rir, obriga-o tambem a dizer — "E' verdade. Esquecia-me que existe a "lei secca..."

Era uma amostra do seu bom humor, uma pontinha de ironia que o famoso astro dava aos ultimos momentos de nossa palestra, que tambem serviu de motivo a mais uma entrevista minha. Aqui, pois, ficam as derradeiras palavras de Clive Brook depois de mais de uma hora de havermos conversado...

John S. Robertson devido a sua excellente direcção em "Little Orphan Annie", de Mitzi Green, vae dirigir "Little Women", do immortal livro de Louisa M. Alcott. O Film é da R. K. O. — Radio.

* * *

Bela Lugosi foi contractado por Nat Levine para figurar na serie da Mascot — "The Whispering Shadow".

Walter Huston, Jobyna Ralston, Richard Arlen, Frances Dee e Phillips Holmes.

Lubitsch encontra-se no Studio da Paramount com a Popéa Claudette Colbert.

Colleen Moore anda agora jogando tennis...

Pergunte-me outra...

CASTRO NEVES (Ita) — Cecilia — Universal City, California. Sari — Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California.

SEBASTIANA CONSTANÇA — Vou pedir ao Jack Quimby para escrever um artigo sobre Greta Garbo, para você ficar contente...

PILOTO (Itajubá) — Marguerite — Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California. Louise, não sei. Dorothy — Universal City, California. Jean Arthur — Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California. Evelyn — o mesmo de Dorothy.

GILBERTO SOUZA ANDRADE (Porto) — Gilberto de Souza Andrade deseja manter correspondencia com os fans brasileiros e aqui está o endereço delle: Rua Antero de Quental, 150 — Ponto (Portugal.

NORTISTA (Pará) — A unica cousa lamentavel é um jornal brasileiro ter publicado tamanha falta de senso. O Cinema Brasileiro já venceu e daqui só irá para frente.

ANN STEN (Curityba) — Não, o galã de Olivette Thomas em "Puxa!" de Luiz Seel, é Luiz Sorôa, que assim voltou ao Cinema. E Francisco Bevilacqua tem tambem um dos papeis.

JIM TULLY (Porto Alegre) — Então a United já exhibiu ahi "Queen Kelly", de Gloria Swanson? Com certeza o exhibirá tambem no Rio e estou mesmo ancioso por isso, por causa da direcção de Von Stroheim e de Seena Owen...

JOCELYN (Rio) — Charles "chic" Sale não é velho, não. E' tão moço quanto parece velho e justamente essa sua caracterisação é que mais valor ainda dá ao seu trabalho. Tem sido notado sómente agora, mas ha muitos annos que está no Cinema do qual é um dos veterenos. Mae Clark figura em "The Penguin Pool Murder", da R. K. O. E Lupe Velez trabalhará em "Phantom Fame", da mesma fabrica.

CELY (Rio) — Não tem importancia, mas comprehende, estes meus secretarios... Interessantissima a pagina enviada e como deve ter visto, já foi aproveitada. O artigo foi de Octavio Mendes. Quanto á informação sobre "A quoi rêvent les jeunne-filles", infelizmente não sei.

KURT (S. Paulo) — Déa Selva, Cinédia Studio, rua Abilio, 26 — Rio. De facto é uma das mais interessantes estrellas do nosso Cinema. Sari Maritza fala o portuguez.

CARIJÓ (Rio) — Paga a entrada em todos os Cinemas. De facto é um Film esplendido e como comedia estupendo!

MARIAH PINHEIRO (Curityba) — Não costumamos acceitar, entretanto envie um dos seus originaes para julgarmos.

GARBISTA (Rio) — Nada disso. Os artigos são sempre traducções de revistas americanas. São opiniões... E nós somos "fans" de Greta Garbo, sem nunca tel-a comparado com Marlene...

ABELARDO (Pará) — Sim, já li o tal artigo de A. Coelho a que se refere. Mania de contrariar.

FERRABRAZ (Recife) — Obrigado pela noticia. Não sei o que deseja saber de Janet. Mas para aquillo não é preciso saber desenhar, porque póde ser feito por outra pessoa... Obrigado por tudo, mais uma vez, continúe.

MOACYR GRAY PINHEIRO (Rio) — Obrigado.

JABIRACA — Não tem trabalhado ultimamente, mas é da Paramount. O seu ultimo trabalho visto no Rio, foi ao lado de Louis Wolheim, em "Fugindo ao perigo", da R. K. O.

MARY ROSA (Lins) — Ella apparecerá no proximo Film... está contente? Se o Gilberto sabe disto... posso contar á elle? Sari, é interessantissima e fala o portuguez, sabia? O meu endereço é este redacção e espero a photographia... Até logo, "Maria Rosa"!

KENY MAC KYNN — Quem está respondendo é a mesma pessoa de sempre... Eu não sou o Gonzaga. Ao cuidado desta redacção mesmo. E' o mais certo. Ken está na Tiffany. Com certeza virão. Procure falar com L. S. Marinho, sobre a visita. Will já está em Hollywood.

DAMIÃO SIALA (Porto Alegre) — Universal City, California. Já sabia dos Cinemas, mas obrigado.

TUÁ VIEIRA DE FARIAS (Porto Alegre) — Escreva-lhes directamente pedindo. Pode escrever em brasileiro mesmo, gryphando a palavra "photograph." Elles entenderão. Charles: Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California. Gary: Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California.

BITINHE (Fortaleza) — Quando tivermos, sahirão. Devido á situação. As outras folhas voltarão e "Cinearte" vae apresentar um grande melhoramento, muito breve... Carmen, Déa e Lelita: Cinédia Studios, Rua Abilio, 26 — Rio. Marlene: Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California. E... só cinco respostas.

A primeira namorada de Clark Gable

(FIM)

Exclamou Andy Means, vivendo suas recordações.

Means, que tem 34 annos, é caixeiro viajante da Companhia Black & Grand, de Zanesville, Ohio. Mudou-se para Hopedale quando criança de sete annos e conheceu logo a Clark, que naquella occasião tinha apenas tres.

Meu pae comprou o Hotel daqui e foi assim que Clark e eu nos conhecemos. Jogavamos bolinha de vidro juntos e juntos começamos a jogar *baseball*. Elle era segunda base e eu primeira. Elle tinha a voz mais forte de toda a redondeza. E como falava! Era um discursador de mão cheia e de tudo sabia elle e com tudo se arranjava por meio da palavra, que sempre lhe foi uma cousa facil.

Justamente isso é que fez delle um bom vendedor. Sim, é bom que saiba que elle vendeu para a Firestone de Akron. E era um excellente vendedor, diga-se, pois labia era cousa que não lhe faltava nunca.

Os homens apreciavam-no, Clark tornou-se um esplendido vendedor. Elle sempre gostou de boas roupas, tambem. Sempre, bem por isso, procurou ter uma apparencia de lord o que realmente sempre teve.

Quando elle chegou aqui ha tres annos, comprehendi logo que elle se approximava vertiginosamente de um grande e merecido successo. Não acha isso tambem, Marge, ou antes, não achou isso quando elle passou por aqui?

Ella confirmou. Depois ella perguntou.

— Elle era cahido por pequenas, Andy?

Era o que a interessava. Andy confirmou o que ella dissera.

— Francamente, nunca o vi cahido realmente por nenhuma dellas, a não ser aqui pela Marge que queria muito. Mas em Akron, quando lá estivemos, juntos, sempre o vi desprezal-as. Não tinha medo dellas e nem enervava-se com as mesmas. Apenas não lhes ligava importancia alguma. Sinceramente eu apenas o vi apaixonado aqui pela Marge!

Marge retorquiu, corando vehementemente.

— Historias! Não creia, Clark e eu eramos apenas bons amigos e nada além disso!

Charles Miller, com o qual depois falamos, disse-nos:

— Clark era um bom menino. Um menino normal. Eu me orgulho delle e todos aqui fazem o mesmo, com intensa e intima alegria. Sua representação é tão natural que eu tenho a impressão de o estar vendo em pessoa. Sua tia Mary Ella, por exemplo, sabe o que ella fez? Ella jámais fôra a um Cinema em toda sua vida. Foram ver Clark Gable em *Uma Alma Livre*, com Norma Shearer. Lembra-se daquella scena em que Leslie Howard mata Clark Gable? Pois sua tia Mary Ella poz-se de pé, gritou, ferida de uma dor profunda, emocionando a todos quantos viam o Film. "Pegaram-no, os miseraveis! Pegaram o meu rapaz!!!"

E nem imagina a luta necessaria para convencel-a de que aquillo tinha sido apenas fingido e pura representação...

Perguntei a Means mais algumas cousas a respeito delle e de Clark e elle me respondeu, repetindo minha pergunta.

— Se o invejo? Se trocaria de logar com elle? Não senhor!!! Tenho esposa e filha e sinto-me muito feliz assim. A's vezes penso que não seria mau ganhar o dinheiro que elle está ganhando, mas dou tempo ao tempo e espero que o meu chegue. Sinto-me feliz, e acho que Clark não o poderá ser mais do que eu.

Quando sahimos da casa dos Miller, cahia a noite. Fomos visitar os Dunlaps. O tio de Clark, John, disse-nos que esperassemos até que elle abrisse a Igreja e depois então nos falaria.

Depois de certo tempo, já em sua casa, ouvimol-o.

— Quer saber algo a respeito de meu rapaz, não é? Pois só lhe posso dizer uma cousa: — elle é o melhor do mundo. Basta? E' assim que penso, ou melhor, pensamos delle. Não é certo, Mary Ella?

E tia Mary Ella concordou plenamente, ainda augmentando os louvores ao nome do sobrinho muito amado.

Perguntei aos tios delle, ali, o que achavam da entrada delle para o Cinema.

— E' um negocio como outro qualquer, não é? Já que elle está nelle, honesta e limpamente como sempre, nada temos a dizer. E acho que elle tanto fará successo neste como em qualquer outro negocio, creia.

Innumeras revistas de Cinema, espalhadas pela casa toda, todas ellas repletas de historias a respeito de Clark Gable, vinham trazer á familia uma consolação naquella ausencia saudosa. Depois elle estendeu algun *stills* de *Uma Alma Livre* e *Susan Lenox* para que os vissemos. Tinham sido dados pelo proprietario do Cinema de Cadiz.

Tio Edson affirmou que todos orgulham-se delle.

— Mostre-lhe o vestidinho que você fez e que elle usou quando garoto e tambem aquella roupinha de marinheiro que lhe demos, sim?

Disse tio John a Mary Ella e ambos mostraram, orgulhosos, essas peças de roupa que um dia já envolveram o corpo do hoje famoso Clark Gable.

Tia Mary Ella acha que Clark Gable foi um garoto levado como qualquer outro.

Quando chegou a hora das photographias todos se arrumaram e emquanto tiravamos as mesmas, disseme Mary Ella que Clark, quando menino, fôra pedir um vestidinho vermelho que ella tinha feito, em tempos, pois queria offerecel-o a madrasta, para se lhe nascesse por acaso um filhinho... E contaram outras pilherias referentes a Clark, com satisfação geral.

Era noite quando voltamos a Cadiz. Paramos defronte á casa da senhora Sharpe. Antes della entrar, hezitei na ultima pergunta. Ella me livrou do embaraço perguntando o que é que eu ainda queria perguntar.

— Elle a beijou?

Perguntei, afinal. Em resposta ella riu e se bem que um pouco embaraçada, disse:

— Beijou-me, sim. Muitas vezes. Principalmente nos primeiros degráos da escada, quando trazia-me de volta do collegio ou de alguma festa. Beijou-me muitas vezes, repito, mas posso tambem affirmar que naquelle tempo elle estava longe de ser o amoroso que hoje é...

E recolheu-se, depois de me apresentar ao marido, um cavalheiro que se sente orgulhoso de ser marido da primeira pequena de Clark Gable.

E foi com todas essas impressões que cheguei de Cadiz, Ohio, para escrever este artigo.

Aliás o monstro

(FIM)

simples detalhe!". E referia-se a prisão.

Seu successo presente e final, nada mais foi do que um acaso, se bem que elle estivesse prevenido para esse caso e o recebesse amplamente sciente do que ia fazer e não sem o saber, como a maioria.

Numa manhã de sol descia elle o Hollywood Boulevard tão simplorio e despreoccupado quanto um nobre russo antes da revolução. Foi apanhar correspondencia na Equity, como geralmente o fazia, embora soubesse que naquelle dia nada provavelmente ali houvesse para elle, porque já no dia anterior ali estivera. Mas nem siquer pensava em cousa alguma de notavel, para elle. Fumou um cigarro, antes de subir e se bem já resolvido a não mais subir, fumou outro. Depois voltou á rua. Ali ficou, alguns segundos, fumando e jogando "football com destino... Depois seguiu para a esquerda da avenida Caruenga com o Hollywood Boulevard. Não sabendo o que mais fazer, ali, fumou mais um cigarro. Vendo que só restavam quatro dentro do maço que ha pouco comprára,

resolveu fumar mais um. Conservou o phosphoro acceso entre os dedos, e disse, de si para si: — "Se queimar até ao fim, vou á Equity ver o que ha para mim. Se não queimar, volto para casa e passo o resto do dia lendo". Queimou o phosphoro até ao fim. Elle seguiu para o escriptorio central da Equity dos artistas.

A mesma pequena que ha cinco annos lhe entrega a correspondencia porventura existente disse-lhe que nada havia para elle, aquella manhã, como elle aliás havia previsto. Conversaram alguns momentos em boa camaradagem. Não havia trabalho para elle, como sempre, pois o que elle estranhava era exactamente quando se dava o contrario. Nisto a pequena olhou-o e lhe disse:

— Estão representando em ensaios uma peça notavel de New York, aqui em Los Angeles. O elenco original de New York está aqui. Falta apenas um homem...

Olhou-o. Karloff perguntou.

— Que papel é esse?

A pequena disse-lhe que era um dos mais importantes da peça "Codigo Penal".

— Pois vou ver o que é possivel fazer. Disse elle e sahiu Deram-lhe o papel em questão. A peça morreu nos palcos de Los Angeles, como tudo morre em Los Angeles, até mesmo anjos, espiritos immortaes... E Karloff voltou a fazer os passeios sonhadores á Equity, pela manhã, sempre a procura de emprego num novo Film ou nalguma peça, mesmo.

Passaram-se mezes. Harry Cohn resolveu produzir "Codigo Penal". Escolheu-se o elenco todo, excepção de um papel. Todo mundo o quiz e varios foram os pedintes ao mesmo. Cohn, desesperado de conseguir um typo realmente bom para vivel-o, suggeriu: — "Porque é que não se arranja aquelle camarada que viveu esse typo aqui em Los Angeles?. Ninguem tinha pensado nisso. Nada de mais porque isso aconteceu em Hollywood...

— E como saberemos se elle photographa bem? Perguntou um assistente. A resposta ficou num olhar de Harry Cohn, afinal enxergando um pouco mais ali que os outros. O espantado Karloff foi chamado. Obteve o papel, logo depois o de monstro, em "Frankenstein" e finalmente a gloria.

Hoje elle vive socegadamente em Toluca, Lake, um pouco afastado de Hollywood, numa casa que é um primor. Lá é que elle falou commigo um longo tempo, contando-me tudo isto. Terminou assim: —

— Supponhamos que "Codigo Penal" fosse feito por uma companhia mais importante do que a Columbia, que afinal é modesta. Essa companhia teria artistas innumeros sob contracto e certamente eu não seria nem siquer lembrado. Não acha que tudo isto é um jogo onde se ganha quando menos se espera?

— E supponha, Boris, que o phosphoro não tivesse queimado até ao fim?

Sophismei eu. Elle riu e disse.

.. Felizmente queimou até o meu dedo!...

O que eu sei de Ann Dvorak

(Continuação)

reitinho, sem os erros peculiares ás crianças de todo os povos. Nisso foi excepção.

Seu pae e eu nos divorciamos quando chegava ella aos quatro annos. Consequentemente Ann nem siquer chegou a conhecer direito a seu verdadeiro pae. Um anno depois eu me casei com meu actual marido, Mr. Pearson, que é o unico pae que ella conheceu, na vida, porque foi talvez mais do que um pae para ella e o tem sido até hoje. Meu segundo marido, se bem que não fosse artista, sympathisava com minha carreira e eu continuei, dessa fórma, a ser artista. Ann sempre ia me ver representar e achava-me estupenda, dizia, sempre que voltavamos de um espectaculo qualquer.

Como menina de cinco annos, Ann gostava ainda de ouvir contos phantasticos. Eu lhe contava historias exaggeradas de uma pequena que era pequenina, pequenina e que não crescia como as meninas dos contos de fada, porque não comia legumes, que era justamente o que comiam as afilhadas das fadas boas. Ella acreditava piamente nas mesmas e dahi para diante não deixava um só legume de lado, tirando-me o trabalho de insistir com ella para que os comesse, porque eram bons para sua saude. Eu a conseguia facilmente alcançar com minha imaginação. Acho que foi agindo assim que Leslie Fenton conseguiu conquistar seu total amor. Elle é um rapaz intelligente e astuto e que vivendo entre nós, da a impressão de ser um nativo dos mares do sul, tal a liberdade dos seus pensamentos e da sua philosophia. Elle, para Ann, devia ter dado a impressão de ser uma figura de

(Continúa no proximo numero)

... e o mundo marcha

(Conclusão)

bebida que lhe fazia falta, apesar de saber que aquelle mesmo alcool já tinha levado á loucura muita gente.

No porão de sua casa, Pow ia beber, quando sua mulher, que ali estava collocando umas roupas para seccar, o viu. Foi a elle. Quiz impedil-o de beber. A vida toda ella supportára aquella terrivel mania, mas agora que a lei era contra a bebida, sentia-se mais amparada e esperava mesmo a redempção do marido. Mas quando o via roubar o seu dinheiro, ganho com sacrificio, para ir comprar bebida, não conseguia dominar seus nervos e era por isso que tambem naquelle momento ella fazia o possivel para das mãos delle arrebatar a garrafa.

— A lei é de prohibição, Pow, você não deve beber mais!

Pow, fanatizado, não supportando a necessidade de beber, não lhe dava ouvidos e, enfurecido, disse-lhe:

— Quero lá saber de lei! Quando eu precisar de um trago eu o terei e pouco se me dá de onde venha!

Sua mulher tentou tirar de suas mãos a garrafa. Lutaram. Pow não tinha mais a antiga força e sua mulher conseguiu tirar-lhe a garrafa. Arremessou-a ao chão. Pow acompanhou a garrafa com os olhos, onde cahira e quando os voltou para a esposa, esta arrepiou-se toda tal era a expressão que nos mesmos estava, até ali nunca vista por ella e amalucada.

— E' lei, Pow e você não deve beber mais...

Falou ella hezitante, querendo detel-o. Mas elle, caminhando para ella, furioso, sem controle algum de si mesmo, dizia apenas isto:

— Você a quebrou... Você a quebrou... Você a quebrou...

Ella apanhou um objecto qualquer que ali estava e com o mesmo quiz reter Pow que avançava medonhamente sobre ella. Mas elle tomou o objecto de sua mão e começou com o mesmo a fustigar-lhe a cabeça, tornando seus gritos ainda mais medonhos. Os gritos foram ouvidos por Kip e Jerry, que conversavam na sala. Correram. Quando se iam approximando do local, ouviram-nos mais distantes e mais frouxos. Deante do cadaver da esposa, quando Kip e Jerry entraram e viram o medonho quadro, Pow tinha os olhos esgazeados e na mão, ainda bem apertado, o pau com o qual ferira a cabeça da esposa tantas vezes, cevando seu odio de allucinado. A ponta estava ensanguentada. Kip atirou-se ao pae, furioso, querendo estrangulal-o. Jerry tirou-o de cima de Pow. A agonia de ambos era intensa deante daquelle quadro tremendo.

Mezes depois Pow Tarleton era condemnado a prisão perpetua.

oOo

Kip casou-se com Maggie May. Elles e o Major Doleshal, chefe da "lei secca" em geral, faziam o possivel para que a mesma fosse um facto, muito embora Roger zombasse daquillo tudo. A bebida, no paiz todo era prohibida. Mas os contrabandistas e os bandidos fóra da lei arregimentavam-se e iniciavam a luta medonha e sangrenta contra a lei e contra os que eram a favor da lei secca. Corpos e mais corpos de agentes eram creados, encarecendo a vida do Estado, para manterem a lei secca de pé.

Roger, casado então com Eileen, que fôra "estrella" da peça que elle escrevera, abriram um cabaret. Tudo correu ás maravilhas nas primeiras semanas. Abe Schilling e Kip deram busca ao Club. Roger enfureceu-se com aquillo. As cousas precipitaram-se e Roger cada vez se embriagando mais, foi abandonado por Eileen, que não via mais interesse possivel, principalmente depois de ter elle ficado cego, por causa da bebida que então era feita com alcool de pessima categoria.

Abandonado pela esposa, cego, Roger é amparado por Kip e Maggie, que os acceitam em casa, carinhosos. Atacando sem temor aos gangsters, Kip é avisado que se retire da perseguição emquanto é tempo. Kip não liga ao desafio e desafia-os.

Chegando tarde ao lar, Kip informado é de que Maggie acha-se na Maternidade. Espera-se a todo instante a chegada de um filhinho que tanto ambos querem. Kip corre ao encontro della. Quando entra, um homem, apparentemente um outro pae afflicto á espera da ordem de entrar para ver o filho, conversa com elle. Nisso ambos sahem e ninguem percebe o revólver que esse mesmo homem tem apontado a Kip. Na rua, põem-no num automovel. Num recanto da estrada solitaria, param. Atiram o corpo de Kip ao chão. Está morto. Varado de balas. No mesmo instante Maggie recebe nos braços um filhinho adoravel e lindo.

Roger e Maggie May voltam á plantação da Louisiana. Elle, cego. Ella, amargurada para o resto de sua vida. Emquanto isto no Congresso affirmam que a "lei secca" é um successo para o paiz...

MODA E BORDADO
UMA REVISTA MENSAL PARA AS SENHORAS
FIGURINOS EM GERAL
MODAS — BORDADOS — MOLDES — CONSELHOS E ENSINAMENTOS. — BELLEZA — ESTHETICA — ELEGANCIA — ADORNOS — ARTE CULINARIA
Moda e Bordado
Unica no seu genero no Brasil, impressa pelos mais aperfeiçoados processos graphicos do mundo, é MODA E BORDADO a revista preferida das familias brasileiras que nella encontrarão a verdadeira publicação para a casa.
Em qualquer livraria e em todos os vendedores de jornaes do Brasil é encontrada á venda a revista MODA E BORDADO.
Numero avulso 3$000 — Assignaturas — 6 mezes 18$000 — Anno 35$000 — Redacção e Gerencia — Travessa do Ouvidor, 34 — Caixa Postal 880 — Rio.